

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL -
PLAGEDER**

TOMAS MAGNUM DA SILVA

**CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA DA CADEIA PRODUTIVA DA
OLIVICULTURA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DAS
PROPRIEDADES RURAIS DE CACHOEIRA DO SUL**

**Cachoeira do Sul - RS
2013**

TOMAS MAGNUM DA SILVA

**CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA DA CADEIA PRODUTIVA DA
OLIVICULTURA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DAS
PROPRIEDADES RURAIS DE CACHOEIRA DO SUL**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Glauco Schultz

Co-orientador: Tutor: Elvis Albert Robe Wandscheer

**Cachoeira do Sul – RS
2013**

TOMAS MAGNUM DA SILVA

**CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA DA CADEIA PRODUTIVA DA
OLIVICULTURA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DAS
PROPRIEDADES RURAIS DE CACHOEIRA DO SUL**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Aprovado com Conceito (B)

Prof. Glauco Schultz
Orientador
UFRGS

Prof. Maycon NoreMBERG Schubert
UFRGS

Prof(a). Susana Cardoso
UFRGS

Cachoeira do Sul, 4 de julho de 2013.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que me apoiaram e me fizeram acreditar de que era possível realizá-lo, principalmente a minha família, e, em especial a minha noiva Clarissa Schutz Ferreira, por toda a compreensão e companheirismo durante todo o período dedicado a realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus pela vida, e por me rodear de pessoas que de uma forma ou de outra me ajudaram nessa caminhada, contribuindo para a realização de um dos meus sonhos: a formação em um curso superior. Estas pessoas são:

Meu amigo Tales Machado Altoé, que sempre esteve disposto a me ajudar no que fosse preciso, principalmente nos assuntos relacionados à cultura da oliveira.

Aos diretores da empresa na qual trabalho, o Sr.º Valdomiro Ribeiro Filho, sua esposa Lourdes Ache Ribeiro e seu filho Vinícius Ache Ribeiro, por todo o apoio e compreensão, quando por inúmeras vezes tive que me ausentar do serviço em razão dos estudos.

Aos meus orientadores, professor Glauco Schultz e tutor Elvis Albert Robe Wandscheer, por toda a dedicação em me auxiliar na elaboração desse trabalho.

Aos demais professores e tutores do curso, pelos ensinamentos adquiridos, bem como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, pela oportunidade de ofertar o curso de graduação em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER em Cachoeira do Sul – RS.

Aos produtores de oliveira do município de Cachoeira do Sul, pela hospitalidade em me receber nas suas propriedades e pelas valiosas informações referentes à cultura da oliveira, contribuindo expressivamente para a elaboração desse trabalho.

A minha cunhada Anelise Schutz Dias e ao meu cunhado Douglas Rauber Spuldaro, pelo auxílio nas correções do português e na tradução para o inglês.

Aos colegas de curso do polo de Cachoeira do Sul, bem como a tutora presencial Diviane Bernardes e Sarita Mercedes Fernandez, que, quando por muitas vezes pensei em desistir, me apoiaram e me motivaram a dar continuidade ao estudo. Muito obrigado pela força e carinho!

Por fim, agradeço a minha família pelo incentivo, compreensão e respeito ao tempo que foi necessário para a realização desse estudo, pois por muitas vezes tiveram que deixar de fazer algo em razão do meu estudo.

A todos vocês, de coração, o meu muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho possui como tema a cadeia produtiva da oliveira. Trata-se de um assunto recente no estado no Rio Grande do Sul, assim como no Brasil e que passa a ser discutido devido ao potencial produtivo do estado do Rio Grande do Sul no cultivo de oliveiras. Diante dessa nova realidade, que começa a ser tema de pesquisas científicas, fica a pergunta: será que a cadeia produtiva da oliveira no nosso Estado já se encontra desenvolvida em todos os elementos que a compõe? Em resposta a esse questionamento, este estudo tem como objetivo analisar o desenvolvimento da cadeia produtiva da oliveira no estado do Rio Grande do Sul. Esse trabalho aborda alguns conceitos sobre cadeia produtiva, onde demonstra os elementos que a compõem e suas funções, bem como algumas definições sobre competitividade. Aborda, também, a ferramenta de análise denominada de matriz *SWOT*, com cuja utilização foi possível identificar e demonstrar alguns fatores relacionados à competitividade da cadeia produtiva. Esta pesquisa, de cunho qualitativo, partiu da análise de pesquisas bibliográficas e documentais, bem como a realização de entrevistas com produtores de oliveiras no município de Cachoeira do Sul – RS para levantamento das informações empíricas. Através dos resultados obtidos por estes meios, conclui-se que a cadeia produtiva da oliveira no estado do Rio Grande do Sul, já se encontra estruturada internamente, porém esta em desenvolvimento no que se refere ao ambiente externo da cadeia, onde questões relacionadas às políticas públicas de incentivo, bem como normas regulamentadoras para o desenvolvimento da atividade, estão em fase de discussão pelos órgãos responsáveis.

PALAVRAS-CHAVE: cultivo de oliveira; cadeia produtiva; competitividade; estado do Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

The theme of this work is the Olive Tree productive chain. It is a recent subject in the state of Rio Grande do Sul, as well as in Brazil, and it starts to be discussed due to the productive potential of Rio Grande do Sul state in the cultivation of Olive Trees. Due to this new reality, which begins to be object of scientific research, the question remains: is the Olive Tree productive chain in our state already developed in all elements that compose it? In order to answer this question, the objective of this study is to analyze the development of the Olive Tree productive chain in the state of Rio Grande do Sul. This work approaches some concepts about the productive chain, demonstrating the elements that compose it and their functions, and defines competitiveness. It also approaches a tool known as SWOT matrix, and, based in it, it made possible the identification and demonstration of some factors related to the competitiveness in the productive chain. This research, of the qualitative approach, departed from the book and documental research, as well as the realization of interviews with producers of Olive Trees in the municipality of Cachoeira do Sul – RS – for the raising of empirical information. Through the obtained data, it was concluded that the Olive Tree production chain in the state of Rio Grande do Sul is already structured internally, in spite of its growing development towards the external face of the chain, where the matter related to the fomentation public policies, as well as the ruling norms of the activity development, are in the discussion phase in the responsible departments.

KEYWORDS: olive tree cultivation; productive chain; competitiveness; state of Rio Grande do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo geral de uma cadeia produtiva.	17
Figura 2 - Matriz SWOT: análise da competitividade das cadeias produtivas agroindustriais.	26
Figura 3 – Localização do município de Cachoeira do Sul no mapa do Rio Grande do Sul.	31
Figura 4 – Zoneamento agroclimático de oliveira para o estado do Rio Grande do Sul, 2008 e pomares no município de Cachoeira do Sul – RS.	41
Figura 5 – Distribuição dos municípios produtores de oliveira no estado do Rio Grande do Sul.	43
Figura 6 - Pomar de oliveiras em Cachoeira do Sul.	44
Figura 7 – Oliveira com frutos.	44
Figura 8 - Pomar de oliveiras recém-implantado no município de Cachoeira do Sul – RS.	46
Figura 9 - Pomar de oliveiras sem idade de produção.	46
Figura 10 - Azeite Olivas do Sul.	52
Figura 11 – Caracterização da cadeia produtiva da oliveira no Rio Grande do Sul.	55
Figura 12 - Processo de extração de azeite, visualizado durante inauguração de indústria.	58
Figura 13 - Brasil: Importações de azeite de Oliva entre 1980 e 2012.	61
Figura 14 - Resultado do cruzamento entre os fatores internos e externos relacionados à cadeia produtiva da oliveira.	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Elementos que compõem internamente uma cadeia produtiva e suas funções.....	18
Quadro 2 - Definições de competitividade e respectivos autores.....	21
Quadro 3 – Conceitos e exemplos dos fatores da análise <i>SWOT</i>	23
Quadro 4 - Síntese do cruzamento entre os fatores internos e externos de uma cadeia produtiva.	27
Quadro 5 – Produção de azeitonas – 2008/09, países e quantidade.....	33
Quadro 6 – Produção de azeite – 2008/09, países e quantidade.....	34
Quadro 7 – Exportação de azeitonas – 2008/09, países e quantidade.	34
Quadro 8 – Exportação de azeite – 2008/09, países e quantidade.....	35
Quadro 9 – Importação de azeitonas – 2008/09, países e quantidade.	35
Quadro 10 – Importação de azeite – 2008/09, países e quantidade.	36
Quadro 11 – Consumo de azeitonas – 2008/09, países e quantidade.....	37
Quadro 12 – Consumo de azeite – 2008/09, países e quantidade.....	37
Quadro 13 – Municípios produtores de oliveira no RS e área cultivada (2012).	45
Quadro 14 – Matriz <i>SWOT</i> da cadeia produtiva da oliveira.	56
Quadro 15 - Culturas e área mínima recomendada - PROFRUTA/RS	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 CADEIA DE PRODUÇÃO / CADEIA PRODUTIVA – CONCEITOS.....	15
2.2 ELEMENTOS QUE COMPÕEM A CADEIA PRODUTIVA.....	17
2.2.1 Elementos internos	17
2.2.2 Elementos externos	19
2.3 COMPETITIVIDADE: ALGUMAS DEFINIÇÕES.....	20
2.4 ANÁLISE SWOT	22
2.4.1 Ambiente interno – forças e fraquezas de uma cadeia produtiva	24
2.4.2 Ambiente externo – oportunidades e ameaças de uma cadeia produtiva..	24
2.4.3 Cruzamento dos fatores internos com os externos.....	25
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	29
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
4.1 OLIVICULTURA NO MUNDO	32
4.1.1 Principais produtores, exportadores, importadores e consumidores	33
4.2 OLIVICULTURA NO BRASIL.....	38
4.3 OLIVICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL.....	40
4.4 CADEIA PRODUTIVA DA OLIVEIRA	47
4.4.1 Fornecedores de insumos	47
4.4.2 Agricultores.....	48
4.4.3 Indústrias de beneficiamento	50
4.4.4 Comércio atacadista e varejista.....	51
4.4.5 Mercado consumidor	52
4.5 AMBIENTE INSTITUCIONAL.....	53
4.6 AMBIENTE ORGANIZACIONAL.....	54
4.7 ANÁLISE SWOT DA CADEIA PRODUTIVA DA OLIVEIRA.....	56
4.7.1 Pontos fortes.....	57
4.7.2 Pontos fracos.....	59
4.7.3 Oportunidades	60
4.7.4 Ameaças.....	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66

Anexos.....	73
Anexo A – Questões para entrevista semiestruturada.....	73
Anexo B – Notícia vinculada ao Jornal Tribuna do Pampa.....	75

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Refere-se à análise do Desenvolvimento da Cadeia Produtiva da Oliveira no estado do Rio Grande do Sul, apresentando os elementos que compõe uma cadeia produtiva. Além disso, tem o propósito de identificar e descrever as oportunidades e ameaças, bem como os pontos fortes e fracos da cadeia produtiva da oliveira.

A olivicultura, também denominada cultivo de oliveira – planta que produz um fruto denominado de azeitona – pode ser considerado um dos cultivares mais antigos conhecidos pelo homem. Essa cultura milenar, originária das regiões mediterrâneas, tem se expandido em todos os continentes do mundo, principalmente em regiões de clima subtropical e temperado.

No Brasil a cultura foi trazida pelos imigrantes portugueses, por volta de 1800, e foi plantada em quase todas as regiões brasileiras, inclusive no estado do Rio Grande do Sul. Atualmente, as regiões que mais se destacam no Rio Grande do Sul, quanto à produção de oliveiras, são a centro e a sudoeste. Tendo em vista esse destaque produtivo, elaborou-se esse estudo sobre o desenvolvimento da cadeia produtiva da oliveira no estado do Rio Grande do Sul.

Uma cadeia produtiva é composta por elementos como: indústrias fornecedoras de insumos e equipamentos, setor agropecuário (produtores), indústrias de beneficiamento, setor de comercialização e mercado consumidor, que reunidos, formam um conjunto de agentes econômicos e, através da interação entre esses agentes, é possível atender às necessidades dos consumidores na aquisição de um determinado produto.

Por se tratar de uma cadeia produtiva muito recente no estado do Rio Grande do Sul, assim como no Brasil, justifica-se a importância do presente estudo na obtenção de conhecimento sobre o assunto, que teve a seguinte questão norteadora: será que esta cadeia produtiva já se encontra desenvolvida em todos os elementos que a compõem?

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi o de analisar o desenvolvimento da cadeia produtiva da oliveira no estado do Rio Grande do Sul. Nos específicos, apontam-se os seguintes objetivos: a) realizar a análise das oportunidades e ameaças relacionadas à cadeia produtiva; b) identificar os condicionantes de competitividade da cadeia produtiva da oliveira; c) realizar a análise dos pontos fortes e dos pontos fracos da cadeia produtiva.

Verifica-se que o estudo sobre o desenvolvimento da cadeia produtiva da oliveira no estado do Rio Grande do Sul possui relevância em três sentidos, quais sejam, no plano científico, pessoal e social. No que se refere ao conhecimento científico, a pesquisa servirá para preencher lacunas no contexto teórico específico sobre a cadeia produtiva da oliveira. Tais lacunas se devem ao difícil acesso a informações, uma vez que ainda são muito escassas bibliografias específicas sobre o tema abordado. No sentido pessoal, em razão de se tratar de uma nova cultura em desenvolvimento nas esferas local/regional, estadual e federal, a pesquisa contribuirá para a obtenção de conhecimentos sobre a cadeia produtiva, levando à articulação desse conhecimento de forma mais segura com o meio social.

A partir do desenvolvimento completo da cadeia produtiva da oliveira, realizando atividades em todos os seus elementos, toda a sociedade será beneficiada. Isso por uma razão simples: os consumidores serão atendidos de acordo com as suas necessidades, ao passo que, em razão da procura por produtos e serviços relacionados à cadeia produtiva, os demais elementos que a compõem terão suas receitas aumentadas e, com o aumento de suas receitas e da demanda por produtos e serviços, serão gerados mais empregos e divisas tributárias para o estado e para o país.

O trabalho está dividido em cinco partes. O primeiro capítulo refere-se à introdução, que aborda assuntos relacionados ao problema da pesquisa e sua importância, tratando também do objetivo geral e dos objetivos específicos elaborados para o trabalho. No segundo, apresenta-se a revisão de literatura, sob o enfoque de conceitos sobre cadeia produtiva e a descrição sobre os elementos que a compõem, além de algumas definições sobre competitividade e da ferramenta de análise matriz *SWOT*. O terceiro capítulo apresenta a metodologia utilizada na pesquisa e suas ferramentas para a coleta de informações e análise. No quarto são apresentados os resultados e discussões referentes à pesquisa realizada, com base

no referencial teórico estudado. O capítulo cinco limita-se a apresentação das considerações finais da pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CADEIA DE PRODUÇÃO / CADEIA PRODUTIVA – CONCEITOS

Conforme Batalha e Silva (2009, p. 2), foi durante a década de 1960 que a noção de *analyse de filière*, aqui traduzida para o português para “análise da cadeia de produção”¹, se propagou no ambiente da escola industrial francesa. Segundo os autores, algumas definições do conceito sobre cadeia de produção são citadas por Morvan² (1988 *apud* BATALHA e SILVA, 2009, p. 6), que a define como:

[...] uma sucessão de operações de transformação dissociáveis, capazes de ser separadas e ligadas entre si por um encadeamento técnico; [...] a cadeia de produção é também um conjunto de relações comerciais e financeiras que estabelecem, entre todos os estados de transformação, um fluxo de troca, situado de montante a jusante, entre fornecedores e clientes. [...] a cadeia de produção é um conjunto de ações econômicas que presidem a valorização dos meios de produção e asseguram a articulação das operações.

Assim, para esses teóricos, em síntese, uma cadeia de produção pode ser segmentada, de jusante a montante, em três macros segmentos: comercialização, industrialização e produção de matérias-primas. A comercialização, é representada por empresas que viabilizam o comércio dos produtos finalizados e têm contato direto com o consumidor, cliente final dessa cadeia. Como exemplo dessas empresas, pode-se citar os supermercados, cantinas, armazéns, açougues, etc. Empresas responsáveis somente pela logística e pela distribuição (transportes e comércio atacadista) também podem ser incluídas nesse macro segmento. O setor de industrialização está representado pelas firmas que têm por finalidade realizar a transformação de matérias-primas em produtos acabados, destinados ao consumidor final, que pode ser um indivíduo, uma unidade familiar, bem como uma agroindústria. A produção de matérias-primas, por seu turno, “reúne as firmas que fornecem as matérias-primas iniciais para que outras empresas avancem no

¹ BATALHA, Mário Otávio; SILVA, Andrea Lago da. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: **definições, especificidades e correntes metodológicas**. In: BATALHA, M. O. (coord.). **Gestão Agroindustrial**. 3. ed. v 1. São Paulo: Atlas, 2009.

² MORVAN, Y. *Fondements d'économie industrielle*. Paris: Economica, 1988. p. 247.

processo de produção do produto final (agricultura, pecuária, pesca, piscicultura etc.)” (BATALHA e SILVA, 2009, p. 7).

A partir disso, se verifica que uma cadeia produtiva representa as várias etapas de produção de um produto em conjunto com os setores produtivos, tais como: as indústrias de insumos, os agricultores, as indústrias de beneficiamento, centros de distribuição e comercialização, de modo que a inter-relação entre esses setores contemple a produção de um determinado produto desde a fase inicial até a sua chegada ao consumidor final. Para Silva (2005, p. 1), de uma forma simplificada, pode-se definir cadeia produtiva “como um conjunto de elementos (‘empresas’ ou ‘sistemas’) que interagem em um processo produtivo para a oferta de produtos ou serviços ao mercado consumidor”. Já Prochnik (2002, p. 1), define cadeia produtiva como: “[...] um conjunto de etapas consecutivas pelas quais passam e vão sendo transformados e transferidos os diversos insumos”, ou seja, para que se obtenha um produto finalizado para o mercado consumidor, se faz necessária a integração dos diversos setores que compõem a cadeia produtiva, com o fim de possibilitar a transformação ou transferência desse produto no decorrer do processo.

Outros autores também tratam sobre os elementos que compõem a cadeia produtiva, considerando-a:

[...] composta por elos que englobariam as organizações supridoras de insumos básicos para a produção agrícola ou agroindustrial, as fazendas e agroindústrias com seus processos produtivos, as unidades de comercialização atacadista e varejista e os consumidores finais, todos conectados por fluxos de capital, materiais e de informação (CASTRO, LIMA e CRISTO, 2002, p. 8).

O modelo geral da composição de uma cadeia produtiva pode ser visualizado na figura um a seguir:

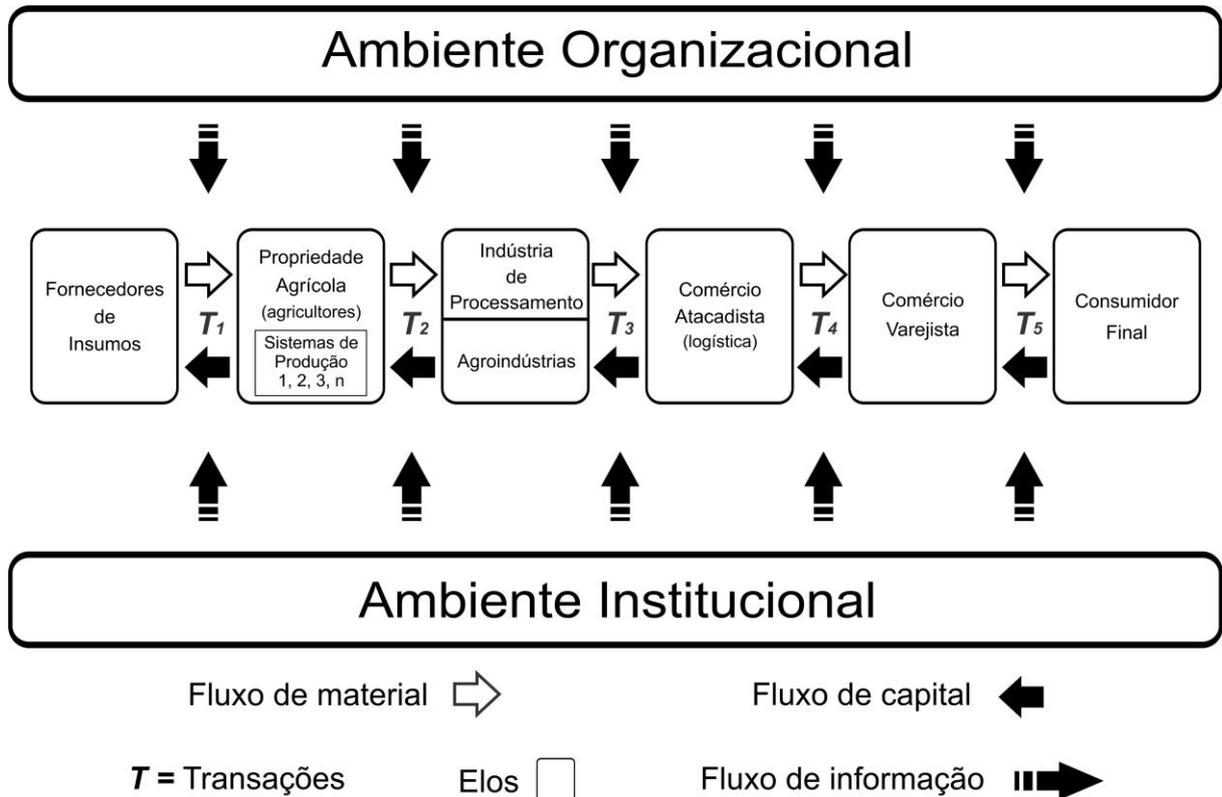


Figura 1 - Modelo geral de uma cadeia produtiva.

Fonte: Adaptado de Castro, Lima e Cristo, 2002, p. 8.

2.2 ELEMENTOS QUE COMPÕEM A CADEIA PRODUTIVA

2.2.1 Elementos internos

Os elementos internos que compõem uma cadeia produtiva são aqueles que realizam transações de produtos, serviços e de capital entre si. Com base nas informações de Silva (2005), o quadro um demonstra quais são esses elementos e suas respectivas funções dentro da cadeia produtiva.

Elo da cadeia produtiva	Descrição/função
Fornecedores de insumos	São as empresas com a função de ofertar produtos, tais como: sementes, mudas, fertilizantes, herbicidas, fungicidas, máquinas, implementos e tecnologia.
Propriedade agrícola (agricultores)	Refere-se aos agentes, que têm por função fazer uso da terra para a produção de <i>commodities</i> , como cereais e oleaginosas, por exemplo. Tais produções são realizadas em sistemas produtivos como sítios, granjas ou fazendas.
Agroindústrias	São as indústrias processadoras de todo tipo de matéria prima de origem agropecuária, que, conforme Silva (2005, p. 2), “[...] podem pré-beneficiar, beneficiar, ou transformar os produtos <i>in-natura</i> ”. Essas indústrias podem ser classificadas de acordo com a atividade que prestam: <ol style="list-style-type: none"> 1) pré-beneficiamento – se atribui as plantas encarregadas da limpeza, secagem e armazenamento de grãos; 2) beneficiamento – pode ser atribuído às plantas que padronizam e empacotam os produtos, como: amendoim, arroz, feijão, etc.; 3) transformação – são as plantas de processamento de determinada matéria prima que a transforma em um produto acabado tipo: azeite, farinhas, álcool.
Comércio atacadista	O comércio atacadista como aquele que faz referência aos grandes distribuidores que têm, dentre as suas funções, abastecer redes de supermercados, postos de vendas, bem como mercados exteriores.
Comércio varejista	O comércio varejista é constituído por pontos de venda como, por exemplo, um supermercado ou um armazém, tendo como finalidade comercializar os produtos junto aos consumidores finais.
Consumidor final	Entende-se por ser uma pessoa que adquire um produto para uso ou consumo próprio, e que constitui o mercado consumidor, que é o ponto final da comercialização.

Quadro 1 - Elementos que compõem internamente uma cadeia produtiva e suas funções.

Fonte: Adaptado de Silva (2005, p. 1-2).

2.2.2 Elementos externos

De acordo com a figura um, supracitada, os elos que compõem a cadeia produtiva podem sofrer influências de elementos externos que formam dois ambientes: o institucional e o organizacional. Os ambientes institucional e organizacional podem ser assim definidos:

O ambiente institucional refere aos conjuntos de leis ambientais, trabalhistas, tributárias e comerciais, bem como, as normas e padrões de comercialização. Portanto, são instrumentos que regulam as transações comerciais e trabalhistas. O ambiente organizacional é estruturado por entidades na área de influência da cadeia produtiva, tais como: agências de fiscalização ambiental, agências de créditos, universidades, centros de pesquisas e agências credenciadoras (SILVA, 2005, p. 2).

De forma esclarecedora, Miele, Waquil e Schultz (2011, p. 20), entendem “[...] por ambiente institucional o conjunto de leis, regras e costumes, formais ou informais, que moldam os mercados e definem os limites da conduta das empresas.” Tal afirmação, segundo os autores, permite compreender o ambiente institucional como representação das “regras do jogo” e, os “jogadores”, como as empresas que compõem a cadeia produtiva (MIELLE; WAQUIL; SCHULTZ, 2011, p. 20).

Por sua vez, o ambiente organizacional, segundo Bitencourt, Satolani e Corrêa (2008), pode ser formado por grupos de indivíduos com afinidades em seus objetivos, bem como, interesse em algum propósito comum. Como exemplo, podem ser elencados os grupos políticos (partidos políticos, câmaras de vereadores e de deputados), e os grupos econômicos, quais sejam, as empresas, sindicatos, associações rurais e cooperativas. Além desses, também podem ser citados os grupos sociais, compostos pelas igrejas, clubes de serviço, organizações não governamentais (ONGs), bem como as organizações educativas – escolas, universidades e centros de treinamento.

Percebe-se que são muitos os elementos que compõem uma cadeia produtiva, tanto na parte interna como no seu ambiente externo. Na parte interna, no que tange a sua operacionalização, verifica-se que os elos agem de forma integrada quando se busca a transformação ou transferência de determinado produto para atender um mercado consumidor. No ambiente externo, por outro lado, busca-se a regulamentação dessa cadeia através do ambiente institucional e de diversos apoios ligados ao ambiente organizacional, sejam privados ou públicos, que possam proporcionar o desenvolvimento da cadeia produtiva.

2.3 COMPETITIVIDADE: ALGUMAS DEFINIÇÕES

Segundo Schultz, Copetti e Waquil (2011, p. 13):

Competitividade é um termo utilizado na teoria econômica, e também na teoria da administração de empresas, como uma medida do resultado alcançado por uma empresa, ou por um conjunto de empresas (setor ou cadeia produtiva), nos mercados em que atuam. A construção de capacidades diferenciadas de competição baseadas, por exemplo, em gestão de pessoas ou em inovação tecnológica poderão redefinir os padrões de concorrência futuros e possibilitar melhores posicionamentos das empresas nos mercados.

Por compreender tantas facetas de um mesmo problema o termo competitividade não tem uma definição precisa, logo é difícil “[...] estabelecer uma definição ao mesmo tempo abrangente e útil” (FARINA, 1999, P. 149). A diversidade de definições foi notada por Schultz, Copetti e Waquil (2011, p. 14), que fizeram notar a existência de uma pluralidade de conceitos no quadro dois, reproduzido abaixo:

Definições de competitividade	Autores
“[...] conjunto de habilidades e de condições requeridas para o exercício da concorrência.”	MÜLLER ³ (1994, p. 24)
“Capacidade sustentável de sobreviver e, de preferência, crescer nos mercados correntes ou em novos mercados.”	JANK; NASSAR ⁴ (2000, P. 140)
“[...] adequação das estratégias das empresas individuais ao padrão de concorrência vigente no mercado específico.”	KUFFER ⁵ (1993, p. 14)
“[...] capacidade de uma indústria (ou empresas) produzir mercadorias com padrões de qualidade específicos, requeridos por mercados determinados, utilizando recursos em níveis iguais ou inferiores aos que prevalecem em indústrias semelhantes no resto do mundo, durante certo período de tempo.”	HAGUENAUER ⁶ (1989, p. 13)
“[...] capacidade da empresa de formular e implementar estratégias concorrenciais, que lhe permitam conservar, de forma duradoura, uma posição sustentável no mercado.”	COUTINHO; FERRAZ ⁷ (1989, p. 13)
“[...] um atributo resultante de processo contínuo de adoção de inovações nas esferas tecnológica, institucional e organizacional, dotando determinado ramo da atividade econômica de poder de concorrência nos mercados externo e interno [...]”.	PEROSA; BAIARDI ⁸ (1999, p. 78)

Quadro 2 - Definições de competitividade e respectivos autores.

Fonte: Extraído de Schultz; Copetti; Waquil, 2011, p. 14.

³ MÜLLER, Geraldo. A competitividade como um caleidoscópio. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 8, n.1, p. 23-32, jan./mar. 1994.

⁴ JANK, Marcos Sawaya; NASSAR, André Meloni. Competitividade e globalização. In: ZYLBERSZTAJN, David; NEVES, Marcos Fava (Org). *Economia e gestão dos negócios agroalimentares: indústria de alimentos, indústria de insumos, produção agropecuária, distribuição*. São Paulo: pioneira, 2000, p. 137-163.

⁵ KUFFER, David. *Padrões de concorrência e competitividade*. Rio de Janeiro: Instituto de Economia Industrial/ URFJ, 1993. Texto para discussão, 265. Disponível em: <http://www.ie.urfj.br/gic/pdfs/1992-2_Kuffer.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2011.

⁶ HAGUENAUER, Lia. *Competitividade – conceitos e medidas: uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto de Economia Industrial/URFJ, 1989. Texto para discussão, 211. Disponível em: <http://www.ie.urfj.br/gic/pdfs/1989-1_Haguenauer.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2011.

⁷ COUTINHO, Luciano; FERRAZ, João Carlos (Coord.) *Estudo da competitividade da indústria brasileira*. 3. ed. Campinas: Papyrus, Ed. da UNICAMP, 1995.

⁸ PEROSA, José Matheus Yalenti; BAIARDI, Amilcar. Especificidades institucionais/regionais no conceito de competitividade. *Organizações & Sociedade (O&S)*, v. 6, n. 16, p.77-87, set./dez. 1999.

Conforme demonstrado no quadro acima, são muitas as definições relacionadas ao termo competitividade, de maneira que:

[...] possibilita contemplar diferentes facetas da mesma situação ou problema, considerando, por exemplo, a multiplicidade de agentes e realidades que forma as cadeias produtivas agroindustriais. Dessa compreensão resulta que a competitividade deve ser analisada levando-se em consideração as especificidades dos agentes que compõem uma cadeia produtiva (SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011, p. 15).

2.4 ANÁLISE SWOT

A análise *SWOT* é uma ferramenta de análise que permite realizar “[...] a avaliação institucional de uma empresa ou de um conjunto de empresas (cadeias produtivas) [...]” (SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011, p. 45).

A saber, o termo *SWOT*, segundo Schultz, Copetti e Waquil (2011, p. 45) “[...] é uma sigla formada com as letras iniciais das palavras inglesas ***Strengths*** (forças), ***Weaknesses*** (fraquezas), ***Opportunities*** (oportunidades) e ***Threats*** (ameaças).”

Essa ferramenta tem por finalidade diagnosticar tanto o ambiente interno, as suas forças e as suas fraquezas, quanto o externo, com as suas oportunidades e as suas ameaças, possibilitando a identificação dos fatores relacionados a cada ambiente.

O quadro três a seguir demonstra de forma exemplificada os conceitos e exemplos de cada termo que compõem a matriz *SWOT*.

Fatores para a análise	Conceitos	Exemplos
Pontos fortes (<i>Strengths</i>)	Fatos, recursos, reputação ou outros fatores, identificados com o ambiente interno, que podem significar uma vantagem da organização em relação aos concorrentes, ou um diferencial no cumprimento de sua missão; recursos ou capacidades que a organização pode usar efetivamente para alcançar seus objetivos; competências distintas.	Recursos financeiros; liderança; abertura à mudança; clima organizacional; tamanho e lealdade da base de clientes; itens de diferenciação de produtos e serviços; margem de retorno; economia de escala.
Pontos fracos (<i>Weaknesses</i>)	Deficiências ou limitações que podem restringir o desempenho da organização, identificados com o ambiente interno.	Inabilidades técnicas ou gerenciais; inadequado controle de custos; obsolescência de métodos e/ou equipamentos; endividamento incompatível com o fluxo de caixa; falta de definições estratégicas; vulnerabilidade à competição.
Oportunidades (<i>Opportunities</i>)	Fatos ou situações do ambiente externo que a organização pode vir a explorar com sucesso.	Novas tecnologias; tendências de mercado; novos mercados; novos produtos; créditos facilitados; alianças estratégicas; produtos complementares.
Ameaças (<i>Threats</i>)	Situações do ambiente externo que, como antítese das oportunidades, têm potencial de impedir o sucesso da organização.	Novas tecnologias; tendências de mercado; legislação restritiva; novos competidores; taxa de juros; abertura de mercado.

Quadro 3 – Conceitos e exemplos dos fatores da análise SWOT.

Fonte: Adaptado de Schultz, Copetti e Waquil, 2011, p. 47.

Com base nas informações disponibilizadas no quadro dois, é possível identificar tanto os fatores internos quanto os fatores externos relacionados a uma organização e, no caso desse estudo, aqueles relacionados à cadeia produtiva da oliveira.

Os fatores que compõem o ambiente interno, forças e fraquezas, de uma cadeia produtiva pertencem a ela, ou seja, são de seu domínio. Logo, os gestores de determinada organização podem controlá-los, de modo que os pontos fortes devem ser salientados para um melhor desempenho de competitividade da cadeia e os pontos fracos devem ser controlados pela organização, buscando evitar que prejudiquem tal desempenho da cadeia produtiva. As oportunidades e ameaças, em contrapartida, fazem parte do ambiente externo e, ao contrário do interno, os fatores que compõem esse ambiente não podem ser controlados pela organização. Entretanto, tais fatores devem ser de conhecimento da organização, a fim de que ela possa monitorá-los (SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011).

Conseqüentemente, quando a organização tem conhecimento sobre esses fatores, ela pode se beneficiar das oportunidades para o seu desenvolvimento, bem como evitar as ameaças que podem inibi-lo.

2.4.1 Ambiente interno – forças e fraquezas de uma cadeia produtiva

As forças, segundo Ferrel⁹ et al. (2000 *apud* SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011, p 48), “[...] são os fatores que permitem à empresa alguma vantagem competitiva.” Fatores como: o domínio de novas tecnologias, aptidão diferenciada na administração, além de canais de distribuição exclusivos, podem ser caracterizados como forças de uma cadeia produtiva (COBRA¹⁰ 1995 *apud* SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011). Assim, as forças “correspondem aos recursos e às capacidades de uma cadeia produtiva, que podem ser combinados para gerar vantagens competitivas em relação aos concorrentes.” (SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011, p 48).

As fraquezas, por outro lado, estão relacionadas a tudo aquilo que a cadeia produtiva em análise deve melhorar, evitando que esses fatores influenciem de forma negativa sobre a competitividade da cadeia, tendo a organização, assim que perceber uma fraqueza, procurar corrigi-la ou ao menos realizar procedimentos que proporcionem diminuir seus efeitos (SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011).

2.4.2 Ambiente externo – oportunidades e ameaças de uma cadeia produtiva

Tanto as oportunidades quanto as ameaças são fatores que podem influenciar no desempenho de uma cadeia produtiva. No caso das oportunidades, essas existem no sentido de beneficiar determinada organização.

Conforme Kotler e Armstrong¹¹ (1996 *apud* SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011, p 49):

⁹ FERREL, O. C.; HARTLINE, Michael D.; LUCAS JR., George H.; LUCK, David J. *Estratégia de marketing*. São Paulo: Atlas, 2000.

¹⁰ COBRA, Marcos. *Plano estratégico de marketing*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

¹¹ KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. *Princípios de marketing*. 4. ed. São Paulo: Prentice Hall, 1996.

[...] uma oportunidade existe quando a empresa pode lucrar ao atender às necessidades dos consumidores de determinado segmento. Existem três fontes principais de oportunidades de mercado: (i) oferecer algo cuja oferta seja escassa; (ii) oferecer de maneira nova ou superior um produto ou serviço já existente; (iii) oferecer um produto ou serviço totalmente.

Quanto às ameaças, essas, quando existentes, podem afetar de forma negativa a cadeia produtiva, muitas vezes tornando inviável ou limitando o desenvolvimento da cadeia. São exemplos de ameaças:

A entrada de novos concorrentes, os produtos similares com valor mais barato, a diminuição da demanda por um produto ou serviço, a grande quantidade de produtos estocados, as instabilidades no mercado financeiro, a insuficiência energética, a falta de acesso asfáltico entre municípios, as distâncias dos grandes centros consumidores, a globalização, etc. (SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011, p. 50).

Por se tratar de fatores do ambiente externo, as organizações não podem controlá-los a seu favor. Porém, se possuírem conhecimento sobre tais fatores, podem fazer uso disso para alavancarem o seu crescimento através das oportunidades, além de, poder evitar que ameaças limitem tal crescimento.

2.4.3 Cruzamento dos fatores internos com os externos

Através da elaboração de uma matriz SWOT, é possível identificar os fatores, internos e externos, que permitem que a cadeia produtiva obtenha vantagens competitivas. Além dessa identificação, com o auxílio da matriz SWOT é possível realizar um cruzamento entre esses fatores levantados nos dois ambientes, que resultam na “[...] identificação das potencialidades, dos desafios, dos riscos e das limitações que condicionam a promoção da competitividade das atividades agrícolas e agroindustriais regionais.” (SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011, p. 48).

A figura dois demonstra a matriz SWOT que pode ser utilizada para a realização da identificação dos fatores internos e externos, bem como, a identificação do resultado do cruzamento entre os fatores, além de possibilitar a análise da competitividade das cadeias produtivas.

		Fatores de origem interna	
Matriz SWOT Competitividade da cadeia produtiva agroindustrial		Forças	Fraquezas
Fatores de origem externa	Oportunidades	Potencialidades	Desafios
	Ameaças	Riscos	Limitações

Figura 2 - Matriz SWOT: análise da competitividade das cadeias produtivas agroindustriais.

Fonte: Adaptado de SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011, p. 48

Conforme Schultz, Copetti e Waquil (2011, p. 50),

A elaboração da matriz SWOT das cadeias produtivas agroindustriais permite identificar os pontos em que uma cadeia produtiva pode obter vantagens competitivas. Os cruzamentos entre os fatores externos e os fatores internos das cadeias produtivas irão definir como estas poderão aproveitar os aspectos positivos (oportunidades e forças) e como poderão neutralizar os aspectos negativos (fraquezas e ameaças) para se tornarem mais competitivas.

O quadro quatro a seguir, demonstra os cruzamentos dos fatores, a descrição desse cruzamento e aponta alguns exemplos relacionados a cada um deles.

CRUZAMENTO	RESULTADO	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS
Forças X Oportunidades	Potencialidades	As potencialidades dizem respeito à capacidade de aproveitamento das oportunidades mediante os pontos fortes da cadeia produtiva	Produtos dentro das especificações; economia de energia, água e matérias-primas; <i>know-how</i> (saber fazer dos agricultores); localização geográfica próxima aos grandes centros consumidores; etc.
Forças X Ameaças	Riscos	Os riscos estão associados às probabilidades e possibilidades de previsão, desse modo, cumpre-se evitar os riscos fortalecendo os pontos fortes e procurando contornar as ameaças.	A possibilidade de queda nos preços das <i>commodities</i> em virtude de uma supersafra em determinado país; a falta de logística/infraestrutura de transporte ferroviário; uma ligação asfáltica e de energia que faça com que uma localização geográfica possa passar despercebida; etc.
Fraquezas X Oportunidades	Desafios	É algo que deve ser superado pela cadeia produtiva de modo que isso proporcione o seu desenvolvimento.	Para um agricultor que tem problemas em comercializar seus produtos no seu entorno, buscar novos mercados para a comercialização é um desafio. Assim como, a existência de uma grande oferta por produtos convencionais e um grande mercado para produtos orgânicos, realizar a conversão da propriedade para se adaptar a esse novo mercado é um grande desafio.
Fraquezas X Ameaças	Limitações	As limitações representam as fragilidades, inseguranças e restrições encontradas nas cadeias produtivas.	O baixo poder de investimento de uma organização agroindustrial; a pouca capacitação de mão de obra; a carência de tecnologia; um mercado consumidor muito restrito; a falta de linhas de financiamentos com juros mais baixos para realizar determinado investimento; etc.

Quadro 4 - Síntese do cruzamento entre os fatores internos e externos de uma cadeia produtiva.

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011, p. 51-52.

De acordo com os exemplos demonstrados no quadro supracitado, as potencialidades se referem às questões que a cadeia produtiva pode explorar a seu favor, assim proporcionando o seu desenvolvimento. Os riscos são possíveis situações que podem prejudicar o desenvolvimento da cadeia produtiva. Logo, dentro do possível, devem ser evitados.

Os desafios são situações que podem vir a ocorrer durante o processo de desenvolvimento da cadeia produtiva. Assim, cabe à cadeia produtiva procurar superá-los, em busca de sua concretização. Já as limitações são situações que podem impedir o desenvolvimento da cadeia produtiva.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A ciência tem como objetivo fundamental chegar à veracidade dos fatos. Neste sentido não se distingue de outras formas de conhecimento. O que torna, porém, o conhecimento científico distinto dos demais é que tem como característica fundamental a sua verificabilidade. Para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação. Ou, em outras palavras, determinar o método que possibilitou chegar a esse conhecimento. (GIL, 2009, p. 8).

De acordo com o autor supracitado, “pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento” (GIL, 2009, p. 9). Desse modo, o método científico escolhido para a elaboração desta pesquisa foi o dedutivo, que conforme Almeida (1989, p.17), “[...] é um processo mental que parte do geral para o particular sendo expresso sob forma de um silogismo [...]”, que é o raciocínio pautado na dedução.

O presente estudo é caracterizado como uma pesquisa de natureza básica, com o intuito de gerar novos conhecimentos sobre o objeto de estudo, com objetivo exploratório e descritivo. As pesquisas exploratórias, segundo Gil (2009, p. 27) “[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. Geralmente se adota este tipo de pesquisa quando o tema a ser tratado é pouco explorado, como é o caso do presente estudo. Já a pesquisa descritiva, “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou, fenômeno ou, o estabelecimento de relações entre variáveis”. (GIL, 2009, p. 28).

Quanto à forma de abordar o problema, fez-se uso da abordagem qualitativa, que, segundo Polit, Becker e Hungler¹², (2004, p.201, *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 33), “[...] tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para aprender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno”.

¹² POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização*. Trad. de Ana Thorell. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Os procedimentos para realização da pesquisa se deram pelo uso das seguintes técnicas: pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, bem como a utilização da ferramenta de análise matriz *SWOT*, descrita anteriormente.

O uso dessa ferramenta de análise serviu como auxílio para identificar e analisar os fatores externos e internos, bem como para identificar os condicionantes de competitividade relacionados à cadeia produtiva, indo ao encontro dos objetivos propostos no trabalho.

Inicialmente, através da pesquisa bibliográfica, foi feito um levantamento teórico com o intuito de conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Conforme Gil (2009, p. 50), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A pesquisa bibliográfica também pode ser feita através de referências teóricas já analisadas e publicadas em meios eletrônicos, como páginas de *web sites*, (Fonseca¹³, 2002, p. 32 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 37).

A pesquisa documental segue a mesma linha da pesquisa bibliográfica, diferenciando-se na natureza das fontes, sendo elas mais diversificadas, como os documentos de primeira mão, assim classificados por não receberem nenhum tipo de análise, tais como: reportagens de jornais, revistas, fotografias e os de segunda mão, que já foram analisados de alguma forma, como relatórios de empresas, tabelas estatísticas, relatórios de pesquisa, etc. (GIL, 2009, p. 51).

A coleta de informações junto aos atores que compõem a cadeia produtiva se fez necessária como um complemento da pesquisa bibliográfica e documental realizadas, e se deu através da pesquisa de campo com a realização de entrevistas semiestruturadas (Anexo A).

Metodologicamente, a entrevista semiestruturada é composta por perguntas abertas e fechadas, assim permite ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto, além de proporcionar uma interação entre o pesquisador e o entrevistado, o que favorece a obtenção de respostas espontâneas (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

O local de realização das entrevistas limitou-se ao município de Cachoeira do Sul – RS, situado na região central do Estado, demonstrado na figura três. A escolha por esse município se deu pela razão do pesquisador residir nele, além de, o município possuir produtores de oliveiras com pomares desenvolvidos e produtivos.

¹³ FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

Teve-se como amostra os dois produtores de oliveira da localidade, conforme informação cedida pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) do município.



Figura 3 – Localização do município de Cachoeira do Sul no mapa do Rio Grande do Sul.

Fonte: Secretaria Municipal de Agricultura de Cachoeira do Sul (s/d).

Para fins de processamento das informações obtidas durante a pesquisa, se fez uso da metodologia denominada de análise de conteúdo, que serve para “[...] descrever e interpretar o conteúdo de todas as classes de documentos e textos”, auxiliando o pesquisador “[...] a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados [...]”. (MORAES, 1999, p. 7-32). Essa análise focou em identificar os elementos de uma cadeia produtiva, além de identificar e analisar as oportunidades, ameaças, pontos fortes e fracos da cadeia produtiva em estudo.

Assim, através dessa análise, foi possível chegar aos resultados que serão apresentados na sequência do trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados e a discussão da pesquisa será feita em três partes. Inicialmente, se tratará das informações sobre a cultura da oliveira no mundo, sua origem e para onde tem se expandido, bem como quais são os principais países produtores, exportadores, importadores e consumidores. Posteriormente, será tratado sobre a olivicultura no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul. Por fim, será discutido o desenvolvimento da cadeia produtiva no Estado, além das oportunidades, ameaças e de seus pontos fortes e fracos.

4.1 OLIVICULTURA NO MUNDO

A oliveira é uma planta milenar. Segundo Villa e Oliveira (2012), não se sabe ao certo a sua origem, mas frequentemente se atribui à Síria e/ou Líbano, regiões da Ásia Menor Meridional. “Nesta região, a origem das oliveiras cultivadas data da época neolítica, (10 a 30 mil anos antes da era Cristã)”. (VILLA; OLIVEIRA, 2012, p.23).

Conforme Coutinho et al. (2009, p. 17), “a oliveira, *Olea europaea* L. é uma das frutíferas mais antigas utilizadas pelo homem. Seu cultivo remonta 6.000 anos atrás”.

Quanto a sua origem os autores descrevem que a oliveira:

É originária de uma região geográfica que ocupa desde o Sul do Cáucaso até as altiplanícies do Irã, Palestina e a zona costeira da Síria, estendendo-se pelo Chipre até o Egito, povoando todos os países que margeiam o Mediterrâneo (COUTINHO et al, 2009, p. 17).

Quanto a sua expansão, essa se deu a partir do século XV, estendendo-se a vários países, como África, Japão, China e Austrália. No continente americano, a cultura foi introduzida primeiramente no México, nos Estados Unidos (Califórnia) e no Peru, para posteriormente, difundir-se para o Chile e Argentina (COUTINHO et al, 2009).

No Brasil, foram os imigrantes portugueses que, por volta de 1800, introduziram a cultura da oliveira, que foi plantada em quase todas as regiões brasileiras, sobretudo no sudeste do país – nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo – e no sul – nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, (VILLA; OLIVEIRA, 2012, p. 34).

4.1.1 Principais produtores, exportadores, importadores e consumidores

Dentre os produtores de oliveiras no mundo, é na Comunidade Europeia que se encontram os países que mais produzem olivas, sendo os principais produtores, a Espanha, Itália e Grécia (COUTINHO et al, 2009). A produção de oliveiras resulta em frutos denominados de azeitona, que depois de industrializados são comercializados em forma de conserva ou de azeite.

Segundo Coutinho et al (2009), a Comunidade Europeia lidera a lista dos principais produtores de azeitonas e de azeite, quadros cinco e seis respectivamente.

Países	Produção (1.000 toneladas)
Comunidade Europeia	694
Egito	400
Turquia	250
Marrocos	110
Síria	100
Argentina	85
Peru	80
Estados Unidos da América	48
Jordânia	27
Iran	25
TOTAL	1.819

Quadro 5 – Produção de azeitonas – 2008/09, países e quantidade.

Fonte: Adaptado de Coutinho et al, 2009.

Países	Produção (1.000 toneladas)
Comunidade Europeia	2.140
Tunísia	160
Turquia	159
Síria	125
Marrocos	90
Argélia	35
Palestina	32
Argentina	20
Jordânia	17
Líbia	15
TOTAL	2.793

Quadro 6 – Produção de azeite – 2008/09, países e quantidade.

Fonte: Adaptado de Coutinho et al, 2009.

Além de serem os maiores produtores destes produtos, os países da Comunidade Europeia também são os maiores exportadores com 267.000 toneladas de azeitonas e 346.000 toneladas de azeite, quadros sete e oito respectivamente.

Países	Exportação (1.000 toneladas)
Comunidade Europeia	267
Egito	100
Marrocos	72
Argentina	70
Turquia	60
Peru	60
Síria	20
Chile	6
Jordânia	5
Israel / Palestina	2
TOTAL	619

Quadro 7 – Exportação de azeitonas – 2008/09, países e quantidade.

Fonte: Adaptado de Coutinho et al, 2009.

Países	Exportação (1.000 toneladas)
Comunidade Europeia	346
Tunísia	120
Turquia	60
Síria	30
Marrocos	20
Argentina	18
Palestina	14
Jordânia	7
Austrália	3
Estados Unidos da América	2
TOTAL	620

Quadro 8 – Exportação de azeite – 2008/09, países e quantidade.

Fonte: Adaptado de Coutinho et al, 2009.

Quanto às importações, os Estados Unidos é o país que mais importa azeitonas: são 155.000 toneladas do fruto, conforme evidenciado na quadro nove:

Países	Importação (1.000 toneladas)
Estados Unidos da América	155
Comunidade Europeia	104,5
Rússia	90
Brasil	74
Arábia Saudita	27
Canadá	26
Austrália	18
México	9
Iran	7,5
Israel	6
TOTAL	517

Quadro 9 – Importação de azeitonas – 2008/09, países e quantidade.

Fonte: Adaptado de Coutinho et al, 2009.

No que se refere à importação de azeite, a liderança também é dos norte-americanos, com 250.000 toneladas, seguido pela Comunidade Europeia, com

188.000 toneladas, Austrália e Brasil, ambos com 35.000 toneladas, como aponta o quadro 10.

Países	Importação (1.000 toneladas)
Estados Unidos da América	250
Comunidade Europeia	188
Austrália / Brasil	35
Canadá	31
Japão	29
Rússia	14
Suíça	12
Israel	9
Jordânia / México	8
Arábia Saudita	5,5
TOTAL	624,5

Quadro 10 – Importação de azeite – 2008/09, países e quantidade.

Fonte: Adaptado de Coutinho et al, 2009.

A comunidade Europeia é líder mundial absoluta tanto no consumo de azeitonas como de azeite de oliva, consumindo 659.500 toneladas de azeitonas e 1.970.000 toneladas de azeite. É seguida pelo Egito, que consome 308.000 toneladas, e pelos Estados Unidos, que consomem 251.000 toneladas de azeite, de acordo com quadros 11 e 12, respectivamente.

O Brasil aparece nas duas listas dos maiores consumidores, ocupando a sétima posição no consumo de azeitona, com 73.000 toneladas, e, juntamente com a Tunísia, ocupa a sexta posição com 35.000 toneladas de azeite consumidas.

Países	Consumo (1.000 toneladas)
Comunidade Europeia	659,5
Egito	308
Estados Unidos da América	235
Turquia	200
Rússia	90
Argélia	86,5
Brasil	73
Peru	60
Marrocos	36
Iran	32,5
TOTAL	1.780,5

Quadro 11 – Consumo de azeitonas – 2008/09, países e quantidade.

Fonte: Adaptado de Coutinho et al, 2009.

Países	Consumo (1.000 toneladas)
Comunidade Europeia	1.970
Estados Unidos da América	251
Turquia / Síria	90
Marrocos	70
Austrália	45
Tunísia / Brasil	35
Canadá	31,5
Japão	29
Jordânia	23,5
Palestina	16,5
TOTAL	2.686,5

Quadro 12 – Consumo de azeite – 2008/09, países e quantidade.

Fonte: Adaptado de Coutinho et al, 2009.

Ainda no que se refere ao consumo, principalmente o de azeite, segundo Coutinho et al (2009), ações promocionais do Conselho Oleícola Internacional – COI, incentivando os consumidores a introduzirem o azeite em suas dietas alimentares, têm proporcionado um aumento no consumo do produto.

4.2 OLIVICULTURA NO BRASIL

No Brasil, conforme visto anteriormente, a cultura da oliveira foi trazida por imigrantes europeus, por volta de 1800, sendo implantada em vários estados brasileiros, tais como: Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Segundo Gomes¹⁴ (1979, *apud* VILLA; OLIVEIRA, 2012, p. 27), as oliveiras eram plantadas nas proximidades das igrejas, e o plantio era realizado pelos vigários da paróquia, tendo em vista as festas religiosas, a fim de proporcionar azeite para as lamparinas e ramos para a festa de Domingo de Ramos.

Alguns fazendeiros do entorno de São Paulo também plantaram oliveiras, formando pomares relativamente grandes que apresentaram uma boa produção. Entretanto, por ordem da realeza de Portugal, esses pomares foram cortados, pois não queriam que seus produtos sofressem concorrência no Brasil. Tal exigência embargou o desenvolvimento dessa cultura no país durante o período colonial e fez com que os agricultores passassem a se dedicar ao cultivo de outras culturas (VILLA e OLIVEIRA, 2012).

Conforme Teramoto, Bertoncini e Pantano (2010), a partir de 1945, após a 2ª Guerra Mundial, com o aumento das imigrações europeias, se deu um novo crescimento da cultura no Brasil. Após esse período, entre as décadas de 1950 e 1960, o território brasileiro foi percorrido pelo Engenheiro Agrônomo Del Mazo a procura de oliveiras, que as encontrou nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Maranhão (TERAMOTO; BERTONCINI; PANTANO, 2010).

Atualmente, alguns Estados brasileiros têm dado continuidade no desenvolvimento do cultivo e das pesquisas relacionadas às oliveiras. Em Santa Catarina, os estudos são conduzidos pela EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural, que iniciou em 2005 um experimento da introdução da cultura em 18 áreas distintas distribuídas em todas as regiões do Estado. Dessas, entretanto, somente oito obtiveram sucesso e situam-se no oeste e extremo oeste de Santa Catarina.

Em Minas Gerais, com o auxílio das pesquisas realizadas pela EPAMIG – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, o cultivo está distribuído em

¹⁴GOMES, R. P. A olivicultura no Brasil. 2. ed. rev. São Paulo: Nobel, 1979. 237p.

50 municípios, totalizando uma área de 400 hectares com 200.000 plantas, sendo já possível verificar em alguns municípios do estado a produção tanto do fruto como do azeite (TERAMOTO; BERTONCINI; PANTANO, 2010).

Ainda conforme esses autores, em São Paulo o cultivo de oliveiras, sob a influência da EPAMIG (MG), já abrange mais de 15 municípios, com 50.000 plantas de oliveira. Desde 2009, devido a várias consultas de novos olivicultores e investidores no setor, órgãos do governo do Estado como a APTA – Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, solicitaram um levantamento de pesquisa no setor, tendo sido formada, no mesmo ano, uma equipe composta por pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais, que elaboraram um projeto denominado “Oliva SP”, para estudar todas as etapas da cadeia produtiva da cultura.

Entre os estados citados acima, no que diz respeito à cadeia produtiva da oliveira, Minas Gerais já deu um passo importante para a estruturação da cadeia na região. Isso pode ser constatado a partir da criação de uma associação de produtores, que, através da colaboração mútua entre os sócios, visa poder contribuir para o fomento e para a racionalização das atividades agropecuárias no setor da olivicultura, (MEDEIROS et al, 2010).

Conforme Medeiros et al, (2010), além da associação, outra instituição que também tem desempenhado um papel importante neste contexto é EPAMIG, que, desde 1998, tem seus pesquisadores realizando estudos inéditos com a cultura da oliveira, buscando alternativas para os agricultores da região. A EPAMIG também tem realizado a coordenação institucional da cadeia produtiva, mesmo que essa função não faça parte de seus objetivos, que são voltados para a pesquisa. Segundo Medeiros et al, (2010), os pesquisadores da EPAMIG consideram que, para que haja sucesso na dinâmica da cadeia, se faz necessário que algum órgão assuma de maneira organizada e definitiva esse papel, pois existem alguns aspectos relacionados à estruturação da cadeia, principalmente no que se refere a legislação sobre a atividade. Isso porque, não existem normas para a padronização e regulamentação da produção ou importação de mudas e tampouco para o cultivo de oliveiras e produção de seus derivados.

Conforme Medeiros et al. (2010, p. 11), o que existe no Brasil “[...] são apenas regras para a comercialização do produto importado”. Além da falta de normas,

algumas outras dificuldades relacionadas à cadeia produtiva são apontadas pelos especialistas.

Segundo Oliveira, Nunes e Oliveira (2012), as dificuldades relacionadas ao segmento são a falta de mudas para fornecimento, a inexistência de financiamentos, a falta de assistência técnica, além da falta de movimentos públicos para apoiar e ajudar a desenvolver a cultura. Esses problemas decorrem da inexistência de políticas públicas específicas para o setor, uma vez que a olivicultura, no seu atual estágio de plantio, não é vista pela estrutura governamental como uma opção viável para se investir. Conforme os autores mencionados, “até agora, toda ação governamental em suas várias esferas, vem beneficiar apenas alguns movimentos isolados que tem abrangência limitada, o que não condiz com a ideia de estruturação geral de um segmento”. (OLIVEIRA; NUNES e OLIVEIRA, 2012, p. 106). Isso faz com que seja exigida uma visão mais abrangente sobre a cadeia produtiva da oliveira, além de se considerar que uma “[...] análise de suas reais necessidades conjunturais traria preciosos benefícios para o conjunto dos atuais olivicultores e também dos potenciais investidores,” (OLIVEIRA; NUNES e OLIVEIRA, 2012, p. 106). Esse estudo se mostra necessário pois, apesar das várias limitações existentes, a cultura tem evoluído no Brasil, o que demonstra o interesse por parte dos agricultores/investidores na produção das oliveiras, medida que contribui e resulta na criação de novos empregos, bem como a geração de renda tanto no campo quanto na cidade.

A evolução da cultura de oliveiras também é percebida no estado do Rio Grande do Sul e será tratada a seguir.

4.3 OLIVICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL

No Rio Grande do Sul, segundo Coutinho et al (2009) a cultura da oliveira foi oficialmente introduzida pelo Serviço Oleícola, órgão especializado criado pela Secretaria da Agricultura do Estado, em 1948.

Com essa implantação, buscou-se orientar trabalhos de fomento e de pesquisa, que penduraram até o início da década de 80, através de prêmios e isenção de impostos. Apesar disso, a falta de técnicos conhecedores do assunto e de fatores econômicos e políticos favoráveis levou à formação de olivais de baixa qualidade e à perda de interesse pela cultura.

A partir de 2005, a Embrapa Clima Temperado retomou os trabalhos com oliveiras e implantou o projeto de pesquisa e desenvolvimento denominado “Introdução e desempenho agrônômico de cultivares de Oliveira no Rio Grande do Sul”. A partir desse projeto, por meio das pesquisas com oliveiras, foi possível proporcionar subsídios para a elaboração de um sistema de produção, com o intuito de fornecer informações básicas sobre as tecnologias geradas e adaptadas para a cultura de oliveira, na região sul do Brasil.

Dentre algumas pesquisas já realizadas pelo órgão do governo, uma das mais importantes refere-se ao zoneamento agroclimático, figura quatro, que mostra as regiões mais indicadas para a implantação do cultivo.

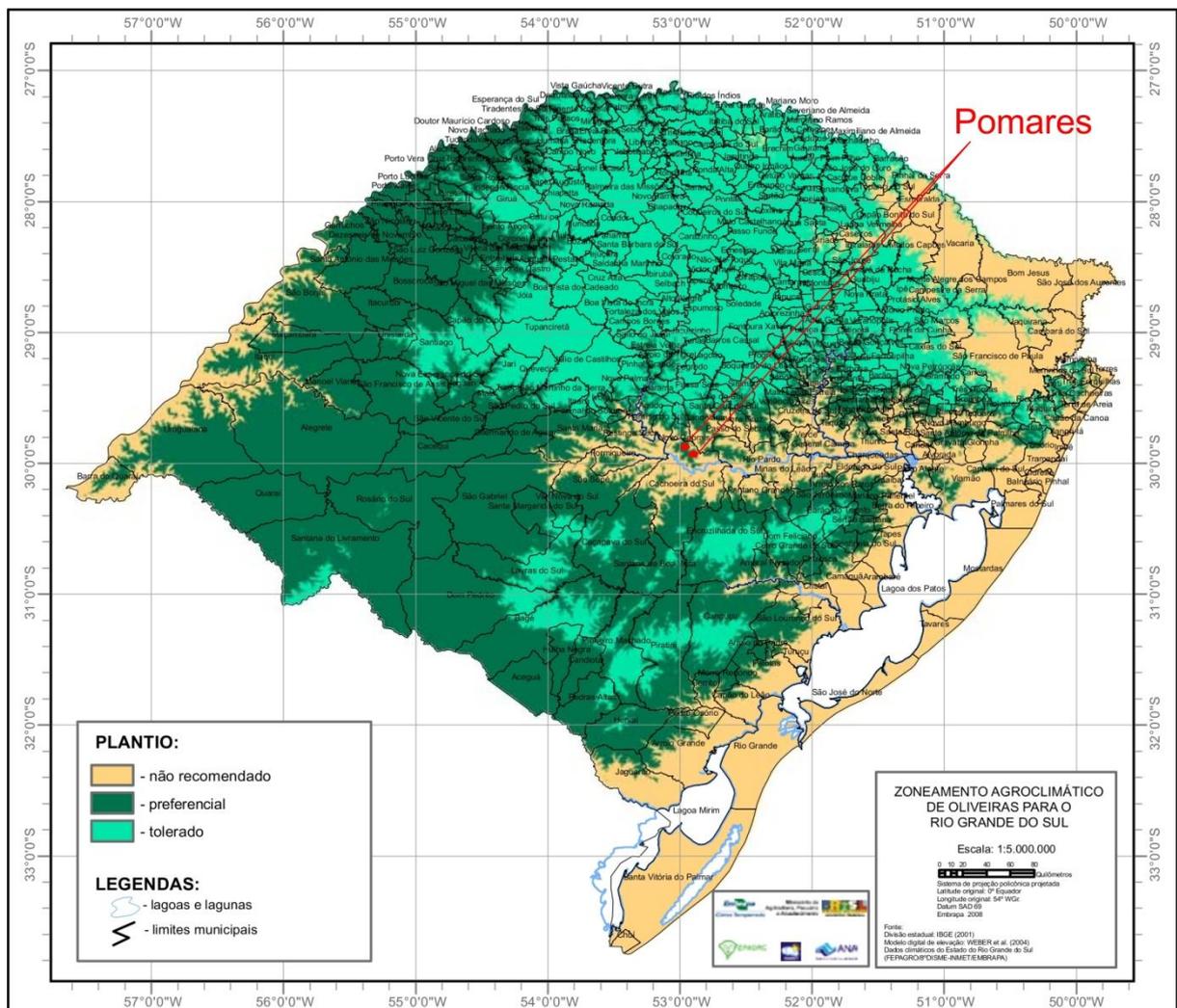


Figura 4 – Zoneamento agroclimático de oliveira para o estado do Rio Grande do Sul, 2008 e pomares no município de Cachoeira do Sul – RS.

Fonte: Extraído de Embrapa Clima Temperado Pelotas – RS, documentos 259.

O zoneamento agroclimático, demonstrando onde são as regiões mais indicadas para a cultura, é uma informação de grande valia, principalmente no sentido de passar segurança para os futuros produtores de oliveira, que, ao ter conhecimento dessa informação, podem decidir qual é a melhor área para implantação do seu pomar. De acordo com o zoneamento agroclimático realizado pela Embrapa Clima Temperado de Pelotas – RS (2008), demonstrado na figura quatro supracitada, a região norte do município de Cachoeira do Sul, onde estão inseridos os pomares dos produtores entrevistados, é considerada como uma região recomendada para o cultivo de oliveiras, assim como a região sul do município. Apenas a região central, caracterizada por extensas áreas de várzeas próximas ao Rio Jacuí não são recomendadas para cultura.

Conforme Wrege et al. (2009), esse zoneamento é um indicativo, com base nas necessidades da cultura da oliveira. Ainda, segundo os autores, trata-se de um estudo preliminar para o desenvolvimento da cultura no estado do Rio Grande do Sul, onde:

Espera-se que, com os resultados deste trabalho, os empreendedores rurais e os formuladores de políticas tenham os subsídios necessários para dar início à implantação desta cultura no Estado do Rio Grande do Sul, com a produção sustentável de azeitonas e de azeite de oliva para o mercado brasileiro e que o Brasil, com o tempo, possa reduzir as importações destes produtos, com o aumento da produção interna. (WREGE ET AL, 2009, p. 2009).

Atualmente, o estado do Rio Grande do Sul detém a maior área cultivada com oliveiras no Brasil. São 585 hectares, com expectativa de se chegar aos 900 hectares no próximo ano, conforme notícia divulgada no Portal do estado do Rio Grande do Sul em dezembro de 2012.

As áreas cultivadas com oliveiras, identificadas pelos pontos vermelhos, estão basicamente distribuídas nos municípios localizados na metade sul do Estado, sendo a única exceção o município de Bossoroca, conforme pode ser visualizado na figura cinco.



Figura 5 – Distribuição dos municípios produtores de oliveira no estado do Rio Grande do Sul.

Fonte: Extraído de Emater/RS, 2012.

Conforme dados disponibilizados pela EMATER/RS (2012), dentre os municípios produtores, destacam-se Caçapava do Sul e Cachoeira do Sul, com 120 e 96 hectares respectivamente, que já possuem pomares produtivos, figuras seis e sete, seguidos pelos demais municípios conforme pode ser visto no quadro 13.



Figura 6 - Pomar de oliveiras em Cachoeira do Sul.

Fonte: Imagem de 2011, cedida pelo entrevistado "X".



Figura 7 – Oliveira com frutos.

Fonte: Imagem de 2011, cedida pelo entrevistado "X".

MUNICÍPIO	ÁREA – hectare
Caçapava do Sul	120,0
Cachoeira do Sul	96,0
Canguçu	50,0
Encruzilhada do Sul	46,0
Candiota	42,5
Barra do Ribeiro	40,0
Santana do Livramento	40,0
Dom Pedrito	30,0
Pinheiro Machado	30,0
Bossoroca	20,0
Piratini	20,0
Lavras do Sul	19,5
Cacequi	10,0
São Gabriel	8,0
Bagé	3,0
Glorinha	2,5
Gravataí	2,0
Pelotas	2,0
Taquara	2,0
Uruguaiana	1,0
Alegrete	0,5
TOTAL	585,0

Quadro 13 – Municípios produtores de oliveira no RS e área cultivada (2012).

Fonte: Adaptado de Emater/RS – Regional de Bagé – RS – Engº. Agrº. Tailor Garcia

Segundo a EMATER/RS (2012), dos 585 hectares cultivados com oliveiras, somente 70 hectares encontram-se produzindo. Do restante, 59 hectares estão com a produção desativada e 456 hectares estão com pomares recém-implantados e sem idade de produção, figuras oito e nove. De alguns pomares que já estão produzindo, se obteve na safra de 2012 uma produção total de 113.998 quilos de azeitonas, onde 83.284 quilos foram somente de um dos pomares do município de Cachoeira do Sul (EMATER/RS, 2012).



Figura 8 - Pomar de oliveiras recém-implantado no município de Cachoeira do Sul – RS.

Fonte: Imagem de 2009, cedida pelo entrevistado “X”.



Figura 9 - Pomar de oliveiras sem idade de produção.

Fonte: Imagem de 2011, cedida pelo entrevistado “X”.

4.4 CADEIA PRODUTIVA DA OLIVEIRA

Por se tratar de um assunto muito recente e com pouco referencial teórico específico, a descrição da cadeia produtiva da oliveira será realizada com base nas informações coletadas com os entrevistados¹⁵, além das informações secundárias obtidas através de pesquisas na *internet* e literatura disponível.

4.4.1 Fornecedores de insumos

Conforme Silva (2005), o elo da cadeia produtiva, referente aos fornecedores de insumos, é composto por empresas que comercializam máquinas e implementos agrícolas, empresas fornecedoras de produtos químicos, tais como fertilizantes e defensivos, bem como as mudas de oliveira.

Com base nas entrevistas realizadas, se constatou que esse elo da cadeia é existente e atende em parte a demanda dos produtores de oliveiras do município, pois, conforme o relato do entrevistado “X”, não se encontra dificuldade para a aquisição de máquinas e equipamentos para preparação do solo, a aplicação de defensivos e fertilizantes e os demais utensílios para manejo do pomar.

A dificuldade encontrada está relacionada aos fungicidas e herbicidas para combate de pragas e de doenças, pois não existem produtos direcionados especificamente para a cultura da oliveira, fazendo com que os produtores utilizem produtos indicados às outras culturas no controle de pragas e doenças. Conforme relata o entrevistado “X”, *“usamos para combater as pragas alguns produtos direcionados a cultura do café, que, por analogia, se assemelha à cultura da oliveira”*.

Percebe-se, nesse sentido, que falta ação por parte dos órgãos do governo em identificar os tipos de produtos químicos que podem ser utilizados pelos agricultores no cultivo de oliveiras, bem como registrar a cultura junto aos fabricantes desses produtos.

Outra empresa de grande importância no setor de insumos são as que desenvolvem as mudas de oliveiras. Atualmente, no estado do Rio Grande do Sul, já

¹⁵ Entrevistados: para preservar a identidade dos produtores entrevistados, quando se referir a estes será utilizado no decorrer do texto às expressões: entrevistado “X” e entrevistado “Y”. O entrevistado “X” é produtor de oliveiras desde 2007, já o entrevistado “Y” é filho de produtor que cultivava oliveiras desde 2006.

existem três empresas fornecedoras de mudas, sendo que, segundo dados da EMATER/RS (2012), uma tem capacidade de produzir 130.000 mudas por ano e a outra tem capacidade de produção para 400.000 por ano. Da terceira não se tem informação de capacidade de produção.

Entretanto, tanto o entrevistado “X”, quanto o entrevistado “Y”, dizem que para a implantação de seus pomares, adquiriram mudas da empresa Agromillora¹⁶, pois nos anos em que implantaram seus pomares, esta era a única fornecedora de mudas de oliveira no Brasil. O entrevistado “X” plantou suas primeiras mudas em 2007, ao passo que o entrevistado “Y” iniciou um ano antes, em 2006.

Conforme mencionado anteriormente, atualmente existem três fornecedores de mudas no estado do Rio Grande do Sul. Fato interessante é que um desses produtores de mudas é o entrevistado “Y”, que viu nessa atividade uma forma de subsidiar seu próprio pomar e também de comercializar mudas para futuros investidores. O fornecedor das mudas, no caso, acaba atuando também como prestador de assistência técnica sobre o cultivo, com base nas suas experiências, além de atender às necessidades referentes à implantação dos pomares dos futuros investidores.

Ainda, dentro deste elo de fornecimento de insumos, conforme o entrevistado “Y”, eles são representantes de duas empresas estrangeiras, sendo uma para fornecimento de máquinas e equipamentos para colheita dos frutos e manejo do pomar e outra para fornecimento de máquinas para extração do azeite.

Percebe-se a articulação desse entrevistado no sentido de preencher os demais elos da cadeia produtiva, sendo uma opção neste contexto para atender os interessados no cultivo.

4.4.2 Agricultores

O elo da cadeia composto pelos agricultores já é bastante expressivo no estado do Rio Grande do Sul, com áreas cultivadas com oliveiras em diversos municípios do Estado, conforme pode ser visualizado anteriormente no quadro 13.

No município de Cachoeira do Sul, onde foram realizadas as entrevistas, existem dois produtores de oliveiras, um deles é o entrevistado “X”, um advogado, que possui um sítio com 11,7 hectares, sendo nove hectares destinados ao cultivo

¹⁶ Agromillora: Empresa Espanhola com filial no Brasil para comercialização de mudas de oliveiras.

de oliveiras. Segundo ele, dentre as frutíferas pesquisadas, optou pelo cultivo de oliveiras em razão do fácil manejo, alto rendimento e vida longa do pomar. A perspectiva desse produtor em relação à propriedade é de que a mesma se torne sustentável economicamente, passando a ser uma segunda fonte de renda para a família, bem como a aposentadoria privada da mesma.

O outro produtor trata-se de um ex-funcionário aposentado da Companhia Estadual de Energia Elétrica – CEEE. Conforme relata o entrevistado “Y”, filho do produtor, seu pai adquiriu a propriedade para praticar um “*hobby*”, elaboração de vinhos e espumantes para consumo, utilizando 0,5 dos 24,2 hectares com o cultivo de videiras. Posteriormente, com o intuito de ocupar o restante da área, após muitas pesquisas identificou que o cultivo de oliveiras poderia ser viável, assim implantando no ano de 2006 a cultura em 12 hectares. Atualmente, 18 hectares estão destinados para o cultivo de oliveira. As principais variedades de oliveiras introduzidas nas duas propriedades são a Arbequina e a Arbosana, ambas destinadas para a extração de azeite. Além dessas duas variedades que se adaptaram muito bem ao clima local, variedades como a Koroneike, Picual e Frantoio também são cultivadas pelos produtores de oliveiras do município de Cachoeira do Sul.

Em relação ao sistema produtivo, ambos entrevistados relataram que encontraram muitas dificuldades na hora da implantação, dentre as quais, a falta de assistência técnica, tendo que recorrerem à literatura disponível de outros países onde a cultura é explorada há mais tempo.

O entrevistado “Y” relata que seu pai na busca por conhecimento sobre formas de manejo e outras informações relacionadas à cultura, lia livros de literatura espanhola, italiana e francesa com o auxílio de dicionários das línguas estrangeiras para poder compreender o que nos livros estava registrado, conforme lembra o entrevistado “Y”, *“esta foi uma das formas encontradas pelo meu pai para conhecer sobre a cultura”*.

Não se distanciando dessa forma de adquirir conhecimento, o entrevistado “X” recorda que durante a fase de implantação recorreu a literaturas espanholas e uruguaias para extrair informações sobre o sistema de produção. Referiu, nesse sentido, que muito se aprendeu durante o próprio processo de implantação e que, posteriormente, com o passar dos anos, foi preciso avaliar os erros e acertos no manejo do pomar.

A falta de assistência técnica capacitada é evidenciada por ambos os entrevistados, tendo relatado o entrevistado “Y” que os técnicos de instituições como a EMATER vão até a propriedade em busca de conhecimento sobre o cultivo.

A propósito, o entrevistado “X” salienta que, na área de assistência técnica, os extensionistas da EMATER estão em fase de aprendizado, e, no que se refere a assuntos relacionados às pesquisas, se conta com técnicos da Embrapa Clima Temperado de Pelotas (RS), técnicos da EPAMIG (MG) e da EPAGRI (SC).

As propriedades dos referidos entrevistados já possuem seus pomares desenvolvidos e atualmente produzem azeitonas, sendo essa produção destinada às indústrias de beneficiamento. Porém, a incipiência da pesquisa sobre o tema no Brasil e a decorrente falta de qualificação técnica dos envolvidos na cadeia de produção da oliveira, conforme o exposto pelos entrevistados “X” e “Y”, se mostram como alguns dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento dessa cultura na região e no Estado. Há ainda muito que se evoluir nas pesquisas de campo para que os produtores tenham informações suficientes para conduzir de forma plena suas plantações. Enquanto isso, entre erros e acertos, eles constroem o conhecimento empírico que é passado de produtor para produtor.

4.4.3 Indústrias de beneficiamento

O fruto da oliveira se destina inicialmente a dois produtos, quais sejam, as azeitonas em conserva e ao azeite de oliva. As duas indústrias de beneficiamento existentes no Estado estão direcionadas somente para a extração e envase do azeite, estando uma situada no município de Cachoeira do Sul e outra no município de Caçapava do Sul, tendo sido essa última inaugurada em março deste ano, segundo informação do entrevistado “X”. Sendo assim, as empresas têm condições de receber o produto *in-natura* e transformá-lo em um produto final pronto para a comercialização, no caso o azeite de oliva. A indústria de beneficiamento inaugurada em Caçapava do Sul – RS está localizada na Vila Progresso, as margens da BR – 290. É a primeira indústria de extração de azeite de grande porte na região, com capacidade de processamento de 900 quilos de azeitona por hora. O total do investimento foi em torno de R\$ 4 milhões (Prefeitura de Caçapava do Sul, 2013).

A outra indústria, a de Cachoeira do Sul – RS, é de propriedade do pai do entrevistado “Y”, que, segundo afirma, teve a ideia da instalação da agroindústria com o fim de beneficiar a própria produção, uma vez que não tinha para quem vender o fruto; extraíndo o azeite, no entanto, poderia posteriormente comercializá-lo no mercado local. Esse processo teve início em 2010, quando foram produzidos 800 litros de azeite. No ano de 2011, houve um aumento na produção, atingindo seis mil litros e, no ano de 2012, a produção já foi bem maior, chegando a 22 mil litros (TAVARES, 2013).

Além dessas duas unidades já implantadas, outra unidade de beneficiamento já está em fase de construção no município de Pinheiro Machado – RS e, segundo a matéria vinculada ao Jornal Tribuna do Pampa (Anexo B), se trata de uma indústria de grande porte, que planeja beneficiar 50 toneladas de azeitonas por ano.

A indústria de Caçapava do Sul – RS foi inaugurada durante a 2ª Abertura Oficial da Colheita da Oliva, que aconteceu no dia 22 de março de 2013. Estive presente no evento e, depois da solenidade de abertura, os presentes foram conduzidos para conhecer a propriedade e a indústria. Pude observar que a produção, até aquele momento, ainda era de caráter experimental, para fins de demonstração e regulagem das máquinas. Por sua vez, a indústria do entrevistado “Y” por existir a mais tempo, se apresenta mais desenvolvida no que se refere ao beneficiamento do produto do que a indústria de Caçapava, pois já possui produto para fins de comercialização e a produção tem aumentado exponencialmente, sendo hoje a única a comercializar o azeite de oliva que é produzido no estado.

4.4.4 Comércio atacadista e varejista

Segundo Silva (2005), o comércio atacadista está relacionado aos grandes distribuidores de mercadorias, que, dentre suas funções, abastecem o comércio varejista, que é formado por redes de supermercados e outros diversos tipos de pontos de venda que possuem uma relação direta com o consumidor final.

No que se refere à cadeia produtiva da oliveira, por ser muito recente, a relação comercial é observada apenas no município de Cachoeira do Sul – RS, entre a agroindústria e o comércio varejista. Conforme o entrevistado “Y” que já beneficia sua produção, seu produto final, o azeite de oliva é comercializado

diretamente com os clientes, sendo esses os supermercados e lojas de especiarias da cidade e região.

O referido produto é o azeite da marca *Olivas do Sul*, figura 10, que, conforme notícia vinculada ao Jornal do Povo (2010) está sendo comercializado desde setembro de 2010, principalmente nos supermercados da cidade.



Figura 10 - Azeite Olivas do Sul.

Fonte: Extraído do *site* Olivas do Sul, publicação de 25 de julho de 2012.

4.4.5 Mercado consumidor

Conforme Silva (2005), esse elo é o ponto final da cadeia produtiva. No que se refere aos produtos derivados da oliveira, segundo o entrevistado “X”, *“hoje há uma tendência de tomada de consciência da necessidade de utilizarmos alimentos funcionais, e os produtos da oliveira fazem parte do grupo dos mais procurados”*.

Logo, a procura por alimentos saudáveis, dentre os quais está o azeite de oliva, acena para um aumento no consumo do produto, de maneira que ambos os entrevistados destacam que o mercado para produtos derivados da oliveira é muito promissor, o que gera boas expectativas de retorno financeiro sobre seus investimentos.

4.5 AMBIENTE INSTITUCIONAL

No que se refere ao ambiente institucional, constatei que ele não se encontra estruturado no estado do Rio Grande do Sul. A informação disponível sobre o tema atualmente é sobre a formação de uma Câmara Setorial das Oliveiras.

Conforme notícia publicada pela Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio – SEAPA do Estado (2012), a Câmara Setorial das Oliveiras teve sua instalação oficial realizada no dia 11 de dezembro de 2012, no Palácio Piratini, oportunidade em que foi realizada a sua primeira reunião. Dirigida pelo secretário da agricultura do Estado e pelo coordenador da Câmara Setorial das Oliveiras, a reunião contou com a presença de representantes da cadeia produtiva da oliveira, de órgãos governamentais, de entidades representativas do meio rural e de universidades. Segundo o coordenador, a Câmara Setorial proporcionará um ambiente de discussões sobre a cadeia produtiva, bem como o estabelecimento da política estadual para o desenvolvimento das oliveiras.

Nessa reunião, ficou estabelecida a formação de dois grupos de trabalho, o Grupo Técnico Científico, que irá tratar de assuntos referentes à qualidade das mudas, assistência técnica, qualidade dos produtos, pesquisa, capacitação e eventos, além de um grupo que irá trabalhar com questões relacionadas ao mercado, ao crédito e à comercialização, bem como de questões relativas à indústria, à fiscalização, ao estudo de mercado, de marketing e de impostos, e de estudos de viabilidade econômica, entre outros. Conforme o coordenador da Câmara, o cultivo de oliveiras é uma atividade que passa a ter relevância econômica e, por isso, passa a ganhar atenção para que haja o desenvolvimento do setor.

A criação desta Câmara Setorial vem ao encontro de algumas sugestões propostas pelos entrevistados quando questionados sobre o que o governo estadual poderia fazer para ajudar no desenvolvimento da cadeia produtiva. O entrevistado “X” destaca a necessidade de investimentos na formação técnica dos operadores de pomar, para que esses tenham conhecimentos sólidos sobre o manejo da cultura. Sugere, ainda, que o Estado poderia realizar parcerias com entidades de pesquisas relacionadas ao cultivo situadas em outros países como, Argentina, Chile e Uruguai – países bem próximos, com realidades de solo e clima semelhantes aos nossos,

mas que contam com muito tempo de cultivo a nossa frente, circunstância que possibilita um conhecimento mais seguro sobre a cultura.

O entrevistado “Y”, em outra linha, cita a necessidade de ser abertas linhas de financiamentos para aquisição de máquinas para beneficiamento do fruto, que atualmente têm de ser importadas da Itália. Também sugere a regulamentação dos produtos químicos para o cultivo.

4.6 AMBIENTE ORGANIZACIONAL

O ambiente organizacional se caracteriza por algumas associações de olivicultores já existentes no estado do Rio Grande do Sul. Entre essas, a ARGOS – Associação Rio-Grandense de Olivicultores, criada em 31 de julho de 2008, com sede na cidade de Ijuí – RS, é uma associação sem fins lucrativos, que visa melhorar em todo sul do país as relações existentes com a olivicultura, buscando ajudar, apoiar, congregar, orientar, representar e supervisionar os associados e suas oliviculturas em suas necessidades (ARGOS, s/d). Atuam também nesse ambiente as empresas de pesquisas, como a EMBRAPA Clima Temperado de Pelotas – RS, que, durante o período que vem realizando pesquisas com a oliveira, já publicou dois livros que tratam sobre essa cultura, principalmente no que se refere ao sistema de produção. Abordam assuntos relacionados aos tipos de cultivares mais adaptados para a região sul, correção do solo para implantação do cultivo, distribuição das plantas no pomar, algumas pragas e doenças identificadas, bem como os métodos para combatê-las, além de informações sobre o mercado e comercialização dos produtos. Diferentemente do que apontaram os entrevistados, atualmente já existe literatura brasileira sobre a cultura, estando ela baseada em livros de outros países, possibilitando o auxílio ao produtor em assuntos relacionados ao cultivo, sem que se tenha que recorrer a literaturas estrangeiras.

Dentro desse contexto, sobre os elementos que compõem a cadeia produtiva da oliveira, apresenta-se na figura 11 a forma como ela está caracterizada no estado do Rio Grande do Sul, com base nas informações adquiridas.

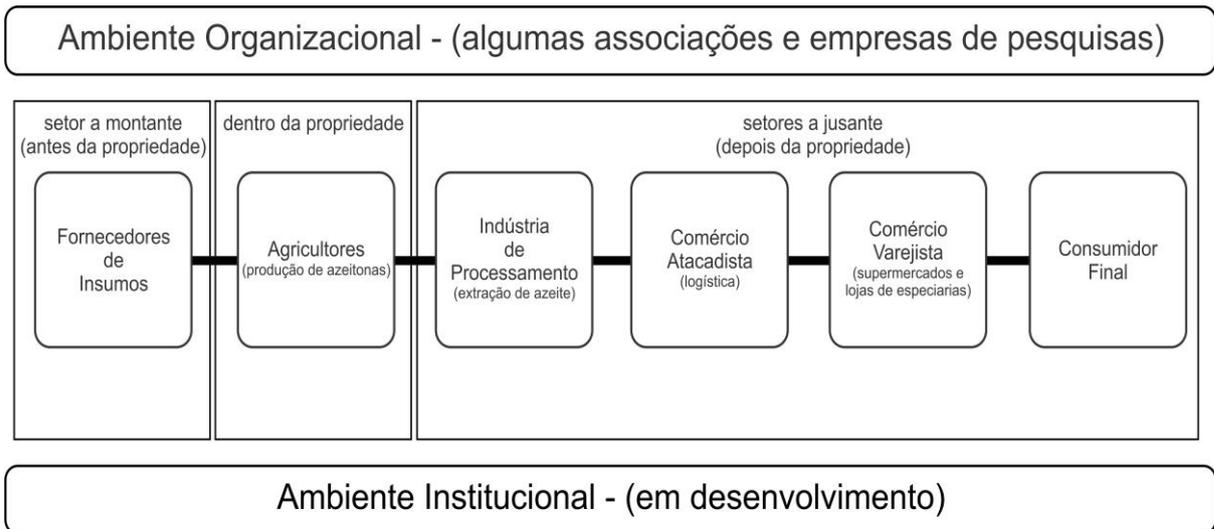


Figura 11 – Caracterização da cadeia produtiva da oliveira no Rio Grande do Sul.

Fonte: Entrevistados “X” e “Y”, (ORG.: SILVA, Tomas Magnum da. (2013)).

No município de Cachoeira do Sul, o elo da cadeia produtiva que se refere aos agricultores, constatou-se que um dos produtores possui uma agroindústria para extração de azeite na sua propriedade, proporcionando assim a elaboração de seu próprio azeite, tanto para consumo como para comercialização, conforme mencionado anteriormente.

4.7 ANÁLISE SWOT DA CADEIA PRODUTIVA DA OLIVEIRA

A utilização da ferramenta de análise denominada de matriz *SWOT*, possibilitou identificar os condicionantes de competitividade da cadeia produtiva da oliveira no estado do Rio Grande do Sul, com base nas respostas dos entrevistados no município de Cachoeira do Sul, sendo demonstrados de forma sintetizada no quadro 14 a seguir.

AMBIENTE INTERNO	
PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<ul style="list-style-type: none"> - Fonte de matéria prima inicial; - Tecnologia de beneficiamento; - Investidores privados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de mão de obra especializada; - Falta de assistência técnica.
AMBIENTE EXTERNO	
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> - Mercado consumidor em expansão; - Marketing relacionado ao produto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Concorrência com produtos internacionais; - Pouca disponibilidade de crédito.

Quadro 14 – Matriz *SWOT* da cadeia produtiva da oliveira.

Fonte: SCHULTZ, Glauco e WAQUIL, Paulo Dabdab, (2011), (ORG.: SILVA, Tomas Magnum da. (2013)).

4.7.1 Pontos fortes

Conforme Las Casas¹⁷ (2001, p.68 *apud* SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011, p. 48), pontos fortes são definidos como “todos os fatores que apresentam vantagem competitiva da empresa em relação aos concorrentes ou ao exercício de qualquer atividade”. Com base nas entrevistas realizadas, foi possível identificar os fatores considerados como pontos fortes da cadeia produtiva da oliveira.

1° - Fonte de matéria-prima inicial: considera-se esse fator um ponto forte, pelo fato de existirem várias áreas com pomares implantados, onde alguns já se encontram produzindo, proporcionando a matéria-prima para industrialização. O estado do Rio Grande do Sul detém a maior área cultivada do Brasil: são 585 hectares, onde 70 hectares já estão produzindo azeitonas. No município de Cachoeira do Sul, um dos produtores já registrou sua produção, obtendo 83.234 quilos de azeitonas de um total de 3.550 árvores com idade de seis anos (EMATER/RS, 2012).

Através das conversas com os entrevistados, foi possível observar algumas informações referentes à produção. Geralmente a produção dos primeiros frutos se dá a partir do terceiro ano, ainda que muito variável e com alternância até o sétimo ano, de modo que a partir desse último ano que a árvore entra na fase adulta e sua produção começa ficar estável. Estima-se que após o sétimo ano a produção seja em média de 30 quilos por planta.

A produção por planta, no caso, é tomada por referência porque a produção por hectare pode ser variável de acordo com a quantidade árvores plantada por hectare, existindo diversos tipos de espaçamentos entre as árvores no cultivo de oliveiras. Conforme a EMATER/RS (2012), existem espaçamentos de 4m x 5m o que resulta um total de 500 árvores por hectare, espaçamentos de 7m x 6m, resultando em 238 árvores por hectare e também espaçamento de 4m x 1,5m, alojando 1.666 árvores por hectare. Conseqüentemente, a informação sobre a produção de azeitona por hectare vai depender do tipo de espaçamento utilizado por cada produtor.

2° - Tecnologia de beneficiamento: segundo o entrevistado “Y”, este fator é um ponto forte por atualmente existir maquinários, com alta tecnologia, para

¹⁷ LAS CASAS, Alexandre Luzzi. *Plano de marketing para micro e pequena empresa*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

extração do azeite. A Itália é um país tradicional na produção de azeite e fabrica máquinas para indústrias de pequeno, médio e grande porte, atendendo desde o pequeno produtor até as grandes indústrias. Para se obter um azeite de qualidade, se faz necessário que a sua extração ocorra dentro de 24 horas após a colheita da azeitona. Logo a tecnologia de beneficiamento é de suma importância para se obter tal resultado. Conforme foi visualizado pelo pesquisador durante a inauguração de uma indústria de beneficiamento no município de Caçapava do Sul – RS em março de 2013, constando-se que os maquinários em funcionamento realizam todo o processo para extração de azeite de forma contínua, desde a separação das azeitonas de outros elementos como as folhas, resultando no final desse processo o azeite já envasado pronto para o consumo, o processo de extração de azeite da indústria visitada, pode ser melhor compreendido através da figura 12.

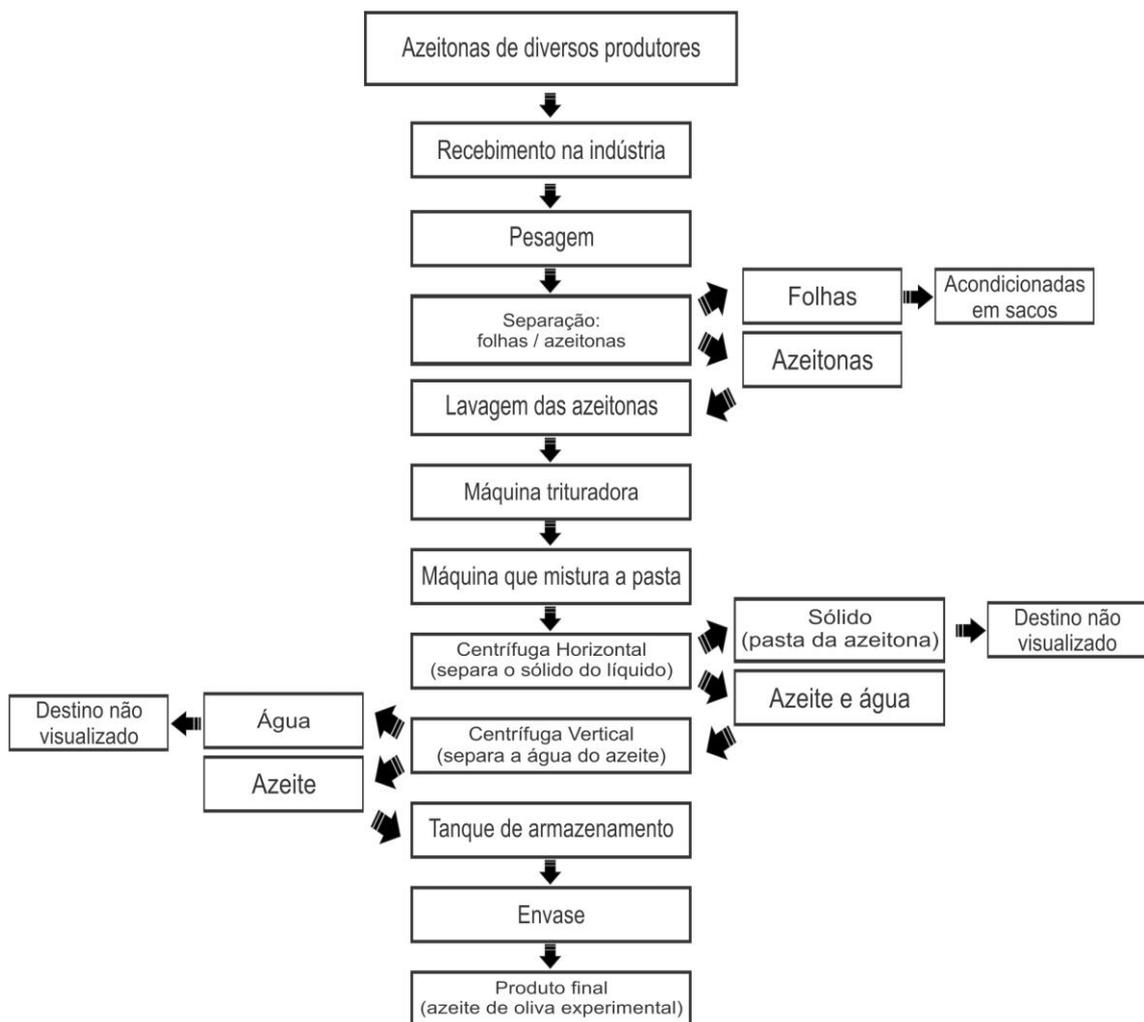


Figura 12 - Processo de extração de azeite, visualizado durante inauguração de indústria.

Fonte: Pesquisa de campo (2013).

3° - Investidores privados: conforme observado nas pesquisas e entrevistas, empresas privadas estão investindo em alguns elos da cadeia, como na parte de produção de mudas, bem como no beneficiamento do fruto. Esse investimento se dá pelo fato de o mercado estar demonstrando uma demanda crescente e constante por produtos da oliveira, atraindo, assim, investidores a apostarem nesse segmento. Acredito que esses investidores encontraram um nicho de mercado em plena expansão, pois a cultura é muito recente tanto no estado do Rio Grande do Sul como no Brasil, e, até então, havia somente um fornecedor de mudas para os agricultores. No sentido do beneficiamento, acredito que os investimentos se devem ao fato de haver áreas já implantadas no estado, pois os produtores terão que comercializar seus frutos, destinando-os as indústrias de beneficiamento.

4.7.2 Pontos fracos

Os aspectos negativos que de alguma forma interferem na capacidade competitiva de uma empresa são considerados como pontos fracos (LAS CASAS, 2001, *apud* SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011, p. 49). Na cadeia produtiva da oliveira, de acordo com as entrevistas, dois fatores foram elencados:

1° - Falta de mão-de-obra especializada: conforme relata o entrevistado “X”, não existe mão-de-obra disponível, pelo fato de o cultivo ser muito recente e não se ter muito conhecimento sobre a cultura. Nesse sentido, são os próprios produtores que acabam formando profissionais com conhecimento sobre a cultura, ou seja, seus funcionários. Percebe-se a necessidade de cursos de capacitação direcionados à cultura, pois com o cultivar em expansão, certamente haverá oferta de empregos nos diversos setores da cadeia produtiva.

2° - Falta de assistência técnica: considerado por ambos entrevistados, esse fator ainda é uma realidade atual, onde o entrevistado “Y” relata que os extensionistas, principalmente os do município de Cachoeira do Sul, não têm conhecimento sobre a cultura, procurando os próprios produtores de oliveiras para conhecer sobre o cultivo. Em visita ao escritório da EMATER no município de Cachoeira do Sul – RS, foi possível constatar a falta de conhecimento sobre a cultura, pois o extensionista presente soube apenas informar quem são os produtores de oliveira da cidade. O que chama a atenção é o fato de o município de

Cachoeira do Sul possuir a segunda maior área cultivada com oliveiras e já estar produzindo, conforme mencionado anteriormente, e não ter extensionistas com conhecimento sobre a cultura para auxiliar os produtores. Apesar disso, já ocorreram alguns eventos relacionados à cultura para disseminação de informações, como: dias de campo em Cachoeira do Sul e Caçapava do Sul, cursos de poda e reuniões técnicas com produtores para trocas de conhecimentos (EMATER/RS, 2012). Pelo fato de ser recente a cultura na região, praticamente tudo relacionado à olivicultura é de forma experimental e com geração de expectativas que podem vir a dar certo ou não.

As oportunidades e ameaças são fatores de origem externa que, segundo Ferrel et al.¹⁸ (2000 *apud* SCHULTZ; COPETTI; WAQUIL, 2011, p. 49), “[...] existem independentemente da organização, mas que podem afetar fortemente as operações da empresa e o resultado de suas estratégias”, ou seja, relacionando a cadeia produtiva da oliveira, as oportunidades são favoráveis para o desenvolvimento desta, já as ameaças podem impedir este desenvolvimento.

4.7.3 Oportunidades

De acordo com as pesquisas e entrevistas, foi possível constatar dois fatores como oportunidades para a cadeia produtiva da oliveira. São eles:

1° - Mercado consumidor em expansão é uma grande oportunidade para atrair novos investidores, proporcionando o desenvolvimento da cadeia produtiva. Segundo as informações da EMATER/RS, estima-se que o gasto feito pelo Brasil em importações de azeite de outros países seja em torno de R\$ 600 milhões de reais. Estima-se, também, que o consumo interno tenha um aumento de 15% ao ano. Logo, pode-se perceber que os agricultores têm um enorme mercado para investir (G1, 2013). Esse fator se dá principalmente por três razões: “(i) divulgação dos benefícios da dieta mediterrânea na saúde; (ii) entrada de produtos no mercado interno com preços mais acessíveis; (iii) aumento de poder aquisitivo de algumas classes sociais” (TERAMOTO; BERTONCINI; PANTANO, 2013, p. 27). A existência de uma crescente demanda pelo azeite de oliva pode ser facilmente percebida na

¹⁸ FERREL, O. C.; HARTLINE, Michael D.; LUCAS JR., George H.; LUCK, David J. *Estratégia de marketing*. São Paulo: Atlas, 2000.

figura 13, que explicita os dados das importações do produto pelos brasileiros, que aumenta anualmente:

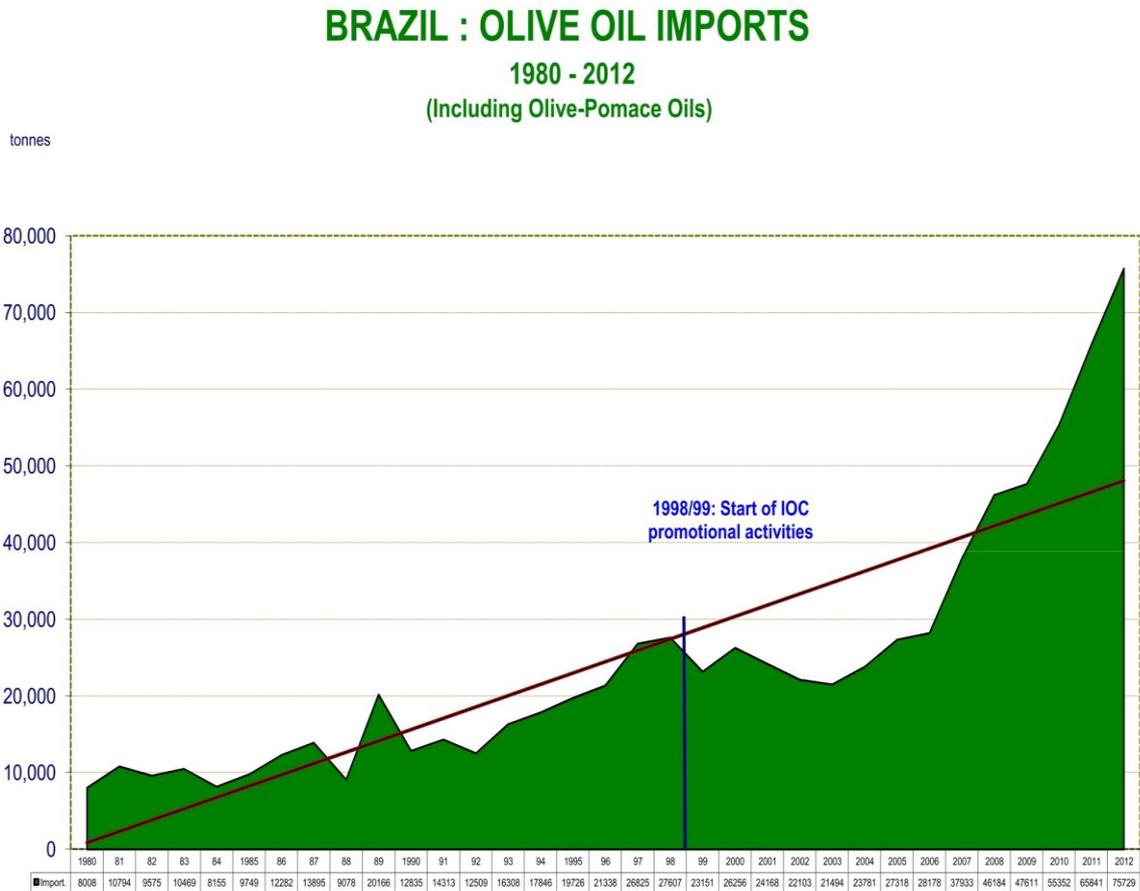


Figura 13 - Brasil: Importações de azeite de Oliva entre 1980 e 2012.

Fonte: Extraído de COI – Conselho Oleícola Internacional, 2013.

2º - Marketing relacionado ao produto: esse fator se dá pelas informações vinculadas aos benefícios que o consumo de azeite de oliva proporciona à saúde, como: a prevenção de doenças cardiovasculares (GRANJA, 2012), além da divulgação feita pela mídia em relação à dieta mediterrânea, muito popular pelos benefícios à saúde, onde o azeite de oliva sempre está presente, ainda que variem os cereais, frutas e tipos de carne nos diferentes cardápios que compõem essa dieta. A imprensa acaba realizando um marketing involuntário sobre o produto, induzindo o consumo do azeite de oliva ao divulgar a dieta mediterrânea como uma das alternativas para uma alimentação saudável e balanceada. Percebeu-se que

esse tipo de alimentação¹⁹ passou a ser uma nova preocupação de algumas classes sociais quando essas tiveram seu poder aquisitivo aumentado.

4.7.4 Ameaças

1° - Concorrência com produtos internacionais: esse fator é considerado uma ameaça pelo fato de existir vários produtos estrangeiros disponíveis no mercado, competindo com o produto nacional, com preços inferiores ao do produto produzido aqui no Brasil. O entrevistado “Y” acredita que esses valores mais acessíveis são relacionados com a produção em grande escala dos países europeus, principais exportadores de azeite. Realmente, essa questão da produção em grande escala por parte dos países europeus pode contribuir para uma redução de custos no produto final, que, mesmo com os impostos sobre a importação, são comercializados a preços mais acessíveis do que o azeite produzido aqui no país. Esse valor mais acessível pode estar relacionado à incerteza sobre a qualidade dos produtos importados, uma vez que não há uma legislação rigorosa para fiscalizar tais produtos. A estrutura laboratorial para análise do azeite é incipiente no país, de modo que podemos estar consumindo azeites classificados como extra virgem²⁰, mas que podem estar adulterados, misturados a outros óleos comestíveis, como o óleo de girassol ou de soja, caracterizando assim o valor mais acessível.

2° - Pouca disponibilidade de crédito: considerada uma ameaça no sentido de que se faz necessário certo investimento para a implantação de um pomar. Logo, a falta de linhas de crédito específicas para olivicultura pode inviabilizar um investimento no setor. O entrevistado “Y” diz conhecer uma linha de crédito denominada de Linha ABC – Agricultura de Baixo Carbono –, mas que, no seu caso, para a implantação do pomar, não acessou nenhum tipo de crédito, fazendo uso de capital próprio para a implantação do mesmo.

¹⁹ Alimentação: Estudo realizado pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FECOMÉRCIO), mostrou que o padrão das refeições do consumidor da classe média passou por mudanças devido ao maior poder aquisitivo do brasileiro, e o azeite de oliva tem substituído cada vez mais o óleo de soja. Esse crescimento também pode ser explicado pela entrada de mais de 332 mil novos compradores e pelo recuo de 7% no preço. As classes A e B ainda são as principais responsáveis pela movimentação da categoria, representando 58,5% do volume. (SUPERVAREJO, 2011 *apud* TERAMOTO; BERTONCINI; PANTANO, 2013, p. 27).

²⁰ Azeite extra virgem: apresenta acidez livre expressa em ácido oleico menor ou igual a 0,8 g por 100 g e demais características de acordo com os padrões de identidade e qualidade estabelecidos pelo Conselho Oleícola Internacional (COI) para essa categoria (MIGUEL; SAKAZAKI, 2012, p. 680).

O fato de não ter disponibilidade de crédito especificamente para a olivicultura, conforme citado pelos entrevistados, não quer dizer que não exista crédito para fruticultura. A questão é que existem linhas de crédito para fruticultura, embora não específicas para o cultivo de oliveiras/azeitonas, mas que podem ser acessadas pelos produtores mediante requerimentos e avaliações técnicas. No estado do Rio Grande do Sul existe o Programa Estadual de Fruticultura – PROFRUTA/RS, por meio do qual são disponibilizadas linhas de crédito tanto para fruticultores como para viveiristas, com financiamentos de até oito anos e carência podendo variar de três a cinco anos, de acordo com o tipo de cultivar escolhido pelo produtor. Entretanto, não basta só o produtor decidir o que quer cultivar e realizar o financiamento, é necessária uma avaliação técnica que irá definir se a cultura pode ser introduzida em determinada região, estudo que influencia na liberação do recurso.

O quadro 15 demonstra as culturas financiadas e a área mínima recomendada.

CULTURA	ÁREA MÍNIMA RECOMENDADA (ha)
Abacaxi	0,2
Banana	0,5
Uva vinífera fina	0,5
Uva mesa	0,5
Uva comum	0,5
Laranja	1,0
Bergamota	1,0
Pêssego Mesa	0,5
Pêssego Indústria	0,5
Ameixa	0,5
Caqui	0,5
Melão	0,5
Melancia	1,0
Morango Mesa	0,3
Morango Indústria	0,3
Pequenos Frutos	0,3
Noz-Pecan	1,0
Figo	0,3

Quadro 15 - Culturas e área mínima recomendada - PROFRUTA/RS

Fonte: Adaptado de Programa Estadual de Fruticultura – PROFRUTA/RS (s.d.)

Conforme pode ser observado no quadro 15 supracitado, a cultura da oliveira/azeitona não está entre as indicadas. Entretanto, para culturas não listadas, podem ser encaminhados projetos técnicos que justifiquem a implantação e a necessidade de obtenção de financiamentos (PROFRUTA/RS s.d.), podendo, nesse sentido, enquadrar a cultura da oliveira nesse programa. A disponibilidade de crédito existe; talvez esteja faltando conhecimento por parte dos agricultores sobre como acessar tais linhas de crédito.

No que se refere à matriz *SWOT*, foi possível identificar, através da sua utilização, os fatores internos e externos relacionados à cadeia produtiva, sendo que tal identificação possibilitou a realização do cruzamento entre esses fatores relacionados à cadeia produtiva da oliveira. Segundo Schultz, Copetti, e Waquil (2011, p. 50) o cruzamento entre esses fatores relacionados às cadeias produtivas, “[...] irão definir como estas poderão aproveitar os aspectos positivos (oportunidades e forças) e como poderão neutralizar os aspectos negativos (fraquezas e ameaças) para se tornarem mais competitivas.”

A figura 14 a seguir, demonstra o resultado do cruzamento entre fatores internos e externos relacionados à cadeia produtiva da oliveira.

		Fatores de origem interna	
		Forças	Fraquezas
Matriz SWOT Competitividade da cadeia produtiva da oliveira		- Fonte de matéria prima inicial; - Tecnologia de beneficiamento; - Investidores privados.	- Falta de mão de obra especializada; - Falta de assistência técnica.
Fatores de origem externa	Oportunidades	Potencialidades	Desafios
	- Mercado consumidor em expansão; - Marketing relacionado ao produto.	- Motivação para atrair novos investidores, bem como, proporcionar a Geração de produtos que atenda a necessidade dos consumidores.	- Capacitar tanto a mão de obra como a assistência técnica para atender a demanda do mercado com produtos de qualidade.
	Ameaças	Riscos	Limitações
	- Concorrência com produtos internacionais; - Pouca disponibilidade de crédito.	- Queda no preço dos produtos importados devido a supersafra dos principais países produtores, aumentando sua competitividade em relação aos produtos nacionais.	- Baixo poder de investimento para competir no mercado, bem como, a pouca capacitação de mão de obra.

Figura 14 - Resultado do cruzamento entre os fatores internos e externos relacionados à cadeia produtiva da oliveira.

Fonte: SCHULTZ, Glauco e WAQUIL, Paulo Dabdab, (2011), (ORG.: SILVA, Tomas Magnum da. (2013)).

As informações resultantes do cruzamento dos fatores internos e externos da cadeia produtiva da oliveira apontados na matriz SWOT demonstrada acima, requerem atenção por parte de todos os integrantes da cadeia, de modo que tais integrantes, ao estarem cientes dessas informações, possam planejar e posteriormente executar as atitudes a serem tomadas sobre cada assunto, buscando melhorar a competitividade, bem como, o desenvolvimento da cadeia produtiva da oliveira no estado do Rio Grande do Sul.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal neste trabalho foi analisar o desenvolvimento da cadeia produtiva da oliveira no estado do Rio Grande do Sul.

Por se tratar de um assunto muito recente, se fez necessária a busca por informações sobre a cultura, descobrindo-se a sua origem, os principais países produtores, os que exportam produtos como azeitonas e azeite de oliva, além dos importadores e consumidores desses produtos. Foi possível compreender também como a cultura se espalhou pelo mundo, chegando até o Brasil e ao estado do Rio Grande do Sul, que atualmente possui a maior área cultivada do país e tem demonstrado um grande potencial para cultivar oliveiras. A cultura já está presente em vários municípios do estado, principalmente nas regiões sudoeste e central, na qual está localizado o município de Cachoeira do Sul – RS (2ª cidade do Rio Grande do Sul com maior área cultivada), que possui 96 hectares com a cultura implantada e com alguns pomares já produzindo.

No que se refere à cadeia produtiva da olivicultura do estado do Rio Grande do Sul, conclui-se, através deste trabalho, que atualmente ela se encontra estruturada internamente e que, apesar de recente, já executa transações entre os elementos que a compõe. Porém, no que se refere ao ambiente externo, há ainda muito o que fazer, principalmente com relação ao ambiente institucional. Nesse aspecto, entretanto, verificou-se que o ambiente mencionado se encontra em fase de desenvolvimento, tendo sido possível constatar que foi criada pela Secretaria de Agricultura, Pecuária e Agronegócio do estado, uma Câmara Setorial das Oliveiras para tratar de questões relacionadas à organização, bem como, a regulamentação e o estabelecimento de políticas públicas direcionadas para a cadeia produtiva da olivicultura.

Com base nas entrevistas realizadas com dois produtores de oliveiras na cidade de Cachoeira do Sul, constatou-se que:

O ambiente interno da cadeia produtiva apresenta como pontos:

- Fortes: fonte de matéria-prima inicial, tecnologia de beneficiamento e investidores privados. Observa-se que esses fatores são de suma importância para o crescimento da cadeia, pois, através do investimento privado, tanto na implantação do cultivo quanto na indústria, têm demonstrado que essa cultura veio para ficar,

tanto que já está ocorrendo o fluxo de informações, capital e produtos como o azeite de oliva, resultado de todo um processo de interação entre os elos da cadeia produtiva. Ainda dentro desse ponto, no que se refere à fonte de matéria-prima inicial, é provável que dentro de seis anos, toda a área já implantada esteja apresentando altos índices de produção, alavancando ainda mais a cadeia produtiva quanto à produção de azeitonas.

- Fracos: falta de mão de obra especializada e, falta de assistência técnica. Tais fatores são problemas para a cadeia produtiva. Entretanto, são problemas que podem e devem ser resolvidos, pois, com a disseminação da cultura, certamente haverá disponibilidade de empregos, tanto no campo quanto na cidade, e isso acarretará na necessidade de mão de obra qualificada. Logo, tal problema deve ser pensado, principalmente por instituições de preparação profissional, proporcionando capacitação pessoal para lançar no mercado. No que se refere à assistência técnica, principalmente por ser uma cultura muito recente, tudo é novidade e o conhecimento sobre a cultura está sendo formado junto aos produtores por meio de eventos relacionados à cadeia produtiva. No município Cachoeira do Sul, local de estudo, contatou-se que os extensionistas, procuram os próprios produtores para obter conhecimento sobre o cultivo.

No ambiente externo, constatou-se como:

- Oportunidades: mercado consumidor em expansão e marketing relacionado ao produto. Tais fatores demonstram que é vantajoso investir na cultura. No caso do produtor rural, através do cultivo de oliveiras, acredita-se que, após a fase de implantação, quando a produção estiver estabilizada, só se terá a ganhar.

Ainda não há disponibilidade de dados precisos, mas por se tratar de uma cultura permanente e que, com o passar dos anos produz cada vez mais, pode vir a proporcionar uma segurança e estabilidade econômica para o produtor rural. Assim, do mesmo modo como para os demais elos da cadeia, todos sairão beneficiados ao aproveitarem essa oportunidade de expansão do mercado.

- Ameaças: concorrência com produtos internacionais e pouca disponibilidade de crédito. Tais ameaças podem prejudicar o desenvolvimento da cadeia. Os produtos importados são atualmente os que aparecem em maiores quantidades no comércio, concorrendo em muitos casos, com preços mais acessíveis do que o único produto estudado atualmente comercializado, o azeite de oliva extra virgem "*Olivas do Sul*".

Aqui se constata a falta da regulamentação do comércio por parte do ambiente institucional que ainda está em desenvolvimento. Já a questão da pouca disponibilidade de crédito, realmente, é uma ameaça preocupante, pois, para investir na cultura, se faz necessário gastos iniciais e, por se tratar de frutíferas, o retorno não é imediato, pois talvez só comece a ocorrer a partir do sexto ano após a implantação do pomar. Logo, as linhas de crédito já existentes para os agricultores, assim como as futuras, devem prever essa variante para a olivicultura, com o intuito de proporcionar o desenvolvimento da cadeia produtiva como um todo.

Acredito que o Brasil é um mercado imenso a ser explorado pela cadeia produtiva da oliveira e que, ainda que seja prematura e esteja se desenvolvendo de forma pioneira aqui no estado do Rio Grande do Sul, demonstra o potencial desse país na produção de mais um tipo de alimento, e de um produto saudável para a saúde humana, que é o azeite de oliva.

Algumas dificuldades foram encontradas no decorrer da pesquisa, como a pouca disponibilidade de material específico sobre cadeia produtiva da oliveira, informações secundárias ainda imprecisas sobre a cultura, além da existência de poucos trabalhos científicos relacionados à cultura como um todo. Entretanto, a realização desse estudo possibilitou a obtenção de novos conhecimentos sobre um assunto ainda pouco explorado, servindo os resultados obtidos para contribuir para o desenvolvimento local e regional, em benefício da sociedade.

Durante a realização dessa pesquisa, foi possível constatar a necessidade de outras pesquisas direcionadas à cadeia produtiva da oliveira, onde sugiro como temas:

- O uso de agrotóxicos não registrados no cultivo de oliveiras;
- políticas públicas direcionadas a cultura da oliveira;
- estudo de viabilidade econômica para produção de produtos oriundos do cultivo de oliveiras.

Por fim, este trabalho é início de uma caminhada que, através de novas pesquisas, poderá ser acrescido de mais conhecimentos e experimentos que venham a contribuir para a melhoria do desenvolvimento da cadeia produtiva da oliveira no estado do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ARGOS – Associação Rio-Grandense de Olivicultores. **O que é a ARGOS?** Disponível em: <http://www.argos.org.br/new_argos/?page_id=672> Acesso em: 30 mai. 2013.

BATALHA, Mário Otávio; SILVA, Andrea Lago da. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: **definições, especificidades e correntes metodológicas**. In: BATALHA, M. O. (coord.). **Gestão Agroindustrial**. 3. ed. v 1. São Paulo: Atlas, 2009.

BITENCOURT, Mayra Batista; SATOLANI, Mônica Ferreira; CORRÊA, Cynthia Cândida. **Análise do ambiente institucional e organizacional da piscicultura no Estado de Mato Grosso do Sul**, (2008). Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/9/87.pdf>> Acesso em 17 mai. 2013.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: **Como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC. Vol. 2 N° 1 (3), Janeiro-Julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>> Acesso em: 22 mai. 2013.

COI – Conselho Oleícola Internacional. Importações por países. **BRAZIL Olive Oil Imports**. Disponível em: <<http://www.internationaloliveoil.org/estaticos/view/135-imports-by-selected-markets>> Acesso em: 07 jun. 2013.

COUTINHO, Enilton Fick. **A cultura da Oliveira**. / Editor Enilton Fick Coutinho – Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2007.

COUTINHO, Enilton Fick, et al. Introdução e importância econômica. In: COUTINHO, E. F.; RIBEIRO, F. C.; CAPPELLARO, T. H. (Ed). **Cultivo de Oliveira (*Olea europaea* L.)** / Enilton Fick Coutinho, Fabrício Carlotto Ribeiro, Thaís Helena Cappellaro – Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009.

CASTRO, Antônio Maria de; LIMA, Suzana Maria Valle; CRISTO, Carlos Manuel Pedroso Neves. Cadeia produtiva: **Marco conceitual para apoiar a prospecção tecnológica**. (2002). Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1197031881.pdf> Acesso em: 12 mai. 2013.

EMATER/RS - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural. **A olivicultura no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.cpact.embrapa.br/eventos/2012/olivicultura/Palestras%201%20Reuni%C3%A3o%20T%C3%A9cnica%20Nacional%20em%20Olivicultura%20PDF/A%20Olivicultura%20no%20Rio%20Grande%20do%20Sul.pdf>> Acesso em: 18 mai. 2013.

EMATER/RS – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural. **Reunião de Olivicultura propõe debate entre produtores, técnicos e pesquisadores.** Disponível em: <<http://www.emater.tche.br/site/noticias/noticia.php?id=15705>> Acesso em: 06 jun. 2013.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Cultivo de Oliveira (*Olea europaea* L.) - Embrapa Clima Temperado Documentos, 259. ISSN 1806-9193. Versão Eletrônica. Mai./2009. **Zoneamento agroclimático para oliveira no estado do Rio Grande do Sul.** Disponível em: <http://www.cpact.embrapa.br/publicacoes/download/documentos/documento_259.pdf> Acesso em: 26 mai. 2013.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Cultivo de Oliveira (*Olea europaea* L.) - Embrapa Clima Temperado Sistemas de Produção, 16. ISSN 1806-9207. Versão Eletrônica. Dez./2011. **Clima.** Disponível em: <http://www.cpact.embrapa.br/publicacoes/catalogo/tipo/sistemas/sistema16_novo/01_clima.htm> Acesso em: 26 mai. 2013.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Cultivo de Oliveira (*Olea europaea* L.) - Embrapa Clima Temperado Sistemas de Produção, 16. ISSN 1806-9207. Versão Eletrônica. Dez./2011. **Mercados e comercialização.** Disponível em: <http://www.cpact.embrapa.br/publicacoes/catalogo/tipo/sistemas/sistema16_novo/01_mercados_e_comercializacao.htm> Acesso em: 23 mai. 2013.

FARINA, Elizabeht M. M. Q. Gestão e Produção. Competitividade e coordenação de sistemas agroindustriais: **Um ensaio conceitual.** v 6, n. 3, p. 147-161, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v6n3/a02v6n3.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2013.

G1. Agricultores do Rio Grande do Sul investem na fabricação de azeite. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2013/03/agricultores-do-rio-grande-do-sul-investem-na-fabricacao-de-azeite.html>> Acesso em: 29 mai. 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. – 6. ed. – 2. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

GRANJA, Fernanda. Nutrição prática & saudável. **O poder do azeite extra virgem.** Conheça todos os benefícios desse alimento. Disponível em: <<http://www.nutricaoopraticaesaudavel.com.br/index.php/saude-bem-estar/o-poder-do-azeite-extra-virgem-conheca-todos-os-beneficios-desse-alimento/>> Acesso em: 29 mai. 2013.

JORNAL DO POVO. **Chega ao mercado o óleo de oliva gaúcho.** Disponível em: <http://www.jornaldopovo.com.br/site/noticias_interna.php?intldConteudo=133268> Acesso em: 28 mai. 2013.

MEDEIROS, André Luiz, et al. Elementos e desafios na construção de cadeias produtivas – **O caso da Olivicultura em Maria da Fé, Minas Gerais.** 2010. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/1220.pdf>> Acesso em: 15 mai. 2013.

MIELE, Marcelo; WAQUIL, Paulo Dabdab; SCHULTZ, Glauco. **Mercados e comercialização de produtos agroindustriais** / Marcelo Miele, Paulo Dabdab Waquil [e] Glauco Schultz; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

MIGUEL, Ana Maria Rauen de Oliveira; SAKAZAKI, Nelson Brasílio. Índices de qualidade para azeite de mesa e legislação brasileira e internacional. In: OLIVEIRA, A. F. de. **Oliveira no Brasil: tecnologias de produção**/ Adelson Francisco de Oliveira, Editor técnico. – Belo Horizonte: EPAMIG, 2012.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html> Acesso em: 20 mai. 2013.

OLIVEIRA, Guajará de Jesus; NUNES, Deise Nascimento; OLIVEIRA, Nilton Caetano de. Associativismo: ferramenta auxiliar para desenvolver a olivicultura brasileira. In: OLIVEIRA, A. F. de. **Oliveira no Brasil: tecnologias de produção**/ Adelson Francisco de Oliveira, Editor técnico. – Belo Horizonte: EPAMIG, 2012.

PORTAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Novas câmaras setoriais defendem política de incentivo tributário durante instalação**. Texto de Marcos Perez. Publicado em 11 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.estado.rs.gov.br/noticias/1/108350/Noticias-Novas-camaras-setoriais-defendem-politica-de-incentivo-tributario-durante--instalacao>> Acesso em: 23 mai. 2013.

PROGRAMA ESTADUAL DE FRUTICULTURA – PROFRUTA/RS. **Normas operacionais**. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/br/arquivos/area/programas_especiais/profruta/Normas_Operacionais_Profruta.pdf> Acesso em: 11 jun. 2013.

SCHULTZ, Glauco; WAQUIL, Paulo Dabdab. **Políticas públicas e privadas e competitividade das cadeias produtivas agroindustriais** / organizado por Glauco Schultz [e] Paulo Dabdab Waquil; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SEAPA – Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio. **Câmara Setorial da Olivicultura realiza sua primeira reunião de trabalho**. Disponível em: <http://www.agricultura.rs.gov.br/conteudo/3312/?C%C3%A2mara_Setorial_da_Olivicultura_realiza_sua_primeira_reuni%C3%A3o_de_trabalho> Acesso em: 30 mai. 2013.

SILVA, Luís César da. **Cadeia produtiva de produtos agrícolas**. UFES – Universidade Federal do Espírito Santo. Departamento de Engenharia Rural – Boletim Técnico: MS: 01/05 em 21/04/2005. Disponível em: <http://www.agais.com/d1457.php?download_file=ms0105.pdf> Acesso em: 16 mai. 2013.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TAVARES, Adir. **Os incentivos ao plantio de oliveiras e à produção de azeite**. Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/os-incentivos-ao-plantio-de-oliveiras-e-a-producao-de-azeite>> Acesso em: 06 jun. 2013.

TERAMOTO, Juliana Rolim Salomé; BERTONCINI, Edna Ivani; PANTANO, Angélica Praela. **Histórico da introdução da cultura da oliveira no Brasil**. 2010. Artigo em Hipertexto. Disponível em: <http://www.infobibos.com/Artigos/2010_4/HistoricoOliveira/index.htm>. Acesso em: 29 abr. 2013.

TERAMOTO, Juliana Rolim Salomé; BERTONCINI, Edna Ivani; PANTANO, Angélica Praela. **Mercados dos produtos da oliveira e os desafios brasileiros**. *Informações Econômicas, SP, v. 43, n. 2, mar./abr. 2013*. Disponível em: <<ftp://ftp.sp.gov.br/ftp/ie/publicacoes/ie/2013/tec2-0413.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2013.

VILLA, Fabíola; OLIVEIRA, Adelson Francisco de. Origem e Expansão da Oliveira na América Latina. In: OLIVEIRA, A. F. de. **Oliveira no Brasil: tecnologias de produção**/ Adelson Francisco de Oliveira, Editor técnico. – Belo Horizonte: EPAMIG, 2012.

WREGE Marcos Silveira et al. **Zoneamento agroclimático para oliveira no estado do Rio Grande do Sul**/ Marcos Silveira Wrege (et al.). – Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009. 24p. – (Embrapa Clima Temperado. Documentos, 259). Disponível em: <http://www.cpact.embrapa.br/publicacoes/download/documentos/documento_259.pdf> Acesso em: 26 mai. 2013.

Anexos

Anexo A – Questões para entrevista semiestruturada

1) Por que cultivar Oliveiras?

.....
.....

2) Quando iniciou a implantação do cultivo?

.....
.....

3) Quais foram às dificuldades encontradas nesta fase de implantação?

.....
.....

4) Você obteve produção após quanto tempo da implantação? Qual foi o destino desta?

.....
.....

5) Existe a disponibilidade de custeio direcionado ao cultivo nas agências de crédito?

.....
.....

6) No que se refere à cadeia produtiva da olivicultura, o que você tem a dizer?

.....
.....

7) O setor de insumos atende suas necessidades relacionadas ao cultivo?

.....
.....

8) Existem fornecedores de mudas no Estado?

.....
.....

9) Existem fornecedores de produtos químicos direcionados para o cultivo?

.....
.....

10) Existem indústrias de beneficiamento?

.....
.....

11) No que se refere à assistência técnica, existem profissionais capacitados? De qual órgão governamental?

.....
.....

12) Você tem conhecimento sobre políticas públicas direcionadas para a cultura? Quais seriam?

.....
.....

13) No seu entendimento, quais seriam as oportunidades e ameaças relacionadas à cadeia produtiva?

.....
.....

14) No seu entendimento, quais seriam os pontos fortes e pontos fracos relacionados à cadeia produtiva?

.....
.....

15) O que você acha que o governo estadual poderia fazer para ajudar no desenvolvimento da cadeia produtiva?

.....
.....

Anexo B – Notícia vinculada ao Jornal Tribuna do Pampa

**ÚLTIMA LAREIRA
ACOMPANHA 3 METROS
DE CANO E CHAPÉU
SÓ HOJE - SÓ R\$ 300,00
SÓ NA CADESUL TCHÊ**

Tribuna do Pampa

CADESUL
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
Agora financiando materiais de
construção em até 36 meses.
Convênio com Sicredi

Ano 2
Edição 237

Pinheiro Machado, Piratini, Bagé, Aceguá, Pedras Altas, Candiota e Hulha Negra

Venda Avulsa:
R\$ 1,75

Quinta e sexta-feira, 7 e 8 de junho de 2012

Ritmo acelerado

Pinheiro Machado anuncia nova indústria, a segunda em menos de um mês

Anna Paula de Ávila



O processo de industrialização do município se desenvolve como extensão de atividades primárias; e surpreende pela velocidade. A nova iniciativa, que começa a ganhar forma com o apoio da Prefeitura e do governo do Estado (foto), trata-se de uma planta de beneficiamento do azeite de oliva; estrutura pioneira no país. O processo de produção do azeite extra virgem deve começar em três, com a instalação dos mecanismos de engarrafamento do produto.

Pág. 3

COMUNICADO

Em virtude do feriado de Corpus Christi não haverá circulação do jornal nesta sexta-feira, 8. A normalidade retorna no sábado, 9.

A direção

versa
3242 7211
www.anversa.com.br

Candiota reage à reportagem do JN

Nesta sexta-feira, 8, o Sindicato dos Mineiros promove reunião para deliberar sobre o teor da reportagem exibida pelo Jornal Nacional na terça-feira, 5. De acordo com o presidente da entidade, Vágner Pinto (que apareceu na reportagem), a ideia é formular um pedido de resposta à Rede Globo de Televisão. "A cidade foi comparada a uma situação pontual, a um caso isolado. O impacto gerado aqui em nada se compara à condição vivida por aquela

comunidade de Criciúma, que invadiu uma cava de mina abandonada", explica.

O Sindicato deve receber associações de outros municípios, representantes do Legislativo e do Executivo, para fortalecer a argumentação. "Mostramos os números positivos à produção do jornal, e só utilizaram os aspectos pejorativos. Queremos mostrar a realidade, só isso", pondera Vágner. A reunião, aberta à comunidade inicia às 14h.

De renguear cusco

Se valendo do adágio popular do gaúcho, o frio que gelou a região nesta quarta-feira, 6, é apenas o início do que vem pela frente até o final de semana. A Somar Meteorologia classificou a massa de ar polar que se aproxima do Estado como "excepcional". É ela quem vai garantir que os próximos dias sejam de temperaturas muito baixas em todo o território gaúcho. O feriado de Corpus Christi, nesta quinta-feira, 7, deve ter temperaturas de -5°C em Candiota, Hulha, Pinheiro e Bagé, e em grande parte da Fronteira. A sensação térmica pode chegar à casa dos -13°C. As tardes, com ar muito seco, terão temperaturas de certa forma agradáveis.



Avenida 24 de Março, nº 646
Telefone (53) 3245-8095
Centro/Candiota-RS

Dr. Léo Pereira Filho (cro-16.967) e equipe

- Ortodontia (aparelhos ortodônticos)
- Implantes
- Clareamentos
- Próteses
- Restaurações
- Tratamentos de canal
- Cirurgias bucais
- Tratamento para bruxismo, dores faciais e articulares
- Reabilitações estéticas

Valorize sua saúde e seu sorriso!

*A consulta de avaliação não é cobrada

GERAL

Quinta e sexta-feira, 7 e 8 junho de 2012 - Tribuna do Pampa 3

Inovação histórica

Pinheiro Machado vai sediar a primeira fábrica de azeite de grande porte do país

Área Para de Azeite



Área já está sendo preparada para a empresa

O investimento, que começa a imprimir uma nova tonalidade ao cenário rural do município, trata-se de um aporte gradativo para uma proposta ousada. Os valores não são divulgados, mas, de acordo com Jorge Furtado, o objetivo da empresa espanhola Olivarium é erguer a primeira unidade de processamento de azeite de grande porte em solo nacional. "Hoje existem algumas unidades, mas de pequeno porte, sem volume em relação ao consumo nacional", explica.

Pinheiro Machado favorece a logística. O municí-

pio encontra-se no centro de uma área que apresenta grande potencial produtivo, e o local encontrado pela empresa viabiliza o escoamento da produção (pela proximidade com a BR 293). "A localização nos dá distâncias similares dentro do raio de plantio que abrange toda a Metade Sul do Estado. Além disso, contamos com a receptividade do governo municipal e secretariado. E este fator, somado às condições climáticas da região, foi fundamental para a iniciativa", pondera Furtado.

As máquinas já trabalham no canteiro que dará ori-

gem à produção (em área próxima à rodovia). No local será implantada a sede da empresa; concentrando a administração, a produção e o setor responsável pela venda de mudas. Ali também será construída a indústria de azeite. E os hori-

zontes da empresa devem se estender para outras propriedades. "Além das plantações para produção própria, a Olivarium também pretende desenvolver parcerias com os produtores da região, para estimular o plantio", antecipa Furtado, ao advertir que a ideia será detalhada em momento oportuno.

A instalação da Olivarium, que planeja beneficiar 50 toneladas por ano, foi comemorada pelo Executivo pinheirense. "Para nós é muito importante que a empresa esteja se estabelecendo no município. Será mais uma alternativa de renda e emprego. Além do cul-

tivo, a industrialização do produto vai ser feita aqui", avalia o prefeito José Antônio Rosa.

A Prefeitura apoia no serviço de terraplanagem e nivelamento do terreno para as instalações da unidade. O incentivo baseia-se na Lei Municipal 2156/2001 (que estabelece normas de serviços a particulares com equipamentos rodoviários do município) e no Decreto 4496/2007 (que regula a utilização de equipamentos rodoviários a terceiros). "Fretamos ajuda a empresa, mas tudo com base no amparo legal", afirma o prefeito.

Oliveiras no Pampa

A região representa um terreno fértil para a cultura. De acordo com pesquisa divulgada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a Campanha e a Fronteira Oeste, apresentam as melhores condições de clima e solo para o desenvolvimento da olivicultura no Brasil. E as alternativas começam a surgir.

Em dezembro do ano passado, o programa Oliveiras do Pampa - Brasil Próximo, que conta com o apoio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, anunciou o aporte de R\$ 334 mil (por parte do governo federal). Com isso, as oliveiras começam a preencher as planícies de 12 unidades produtivas demonstrativas distribuídas em Aceguá, Bagé, Candiota, Hulha Negra, Sant'Ana do Livramento e Quaraí. A proposta, entretanto, não contempla qualquer alternativa industrial (lucra que pode ser preenchida pelo empreendimento que nasce em Pinheiro Machado).

Consumo crescente

O Brasil consome bem mais do que produz. E os importadores foram os primeiros a descobrir que existe mercado para o azeite de oliva. Em 2010 o país importou cerca de 55 mil toneladas de azeite. E este volume cresceu cerca de 20% no ano passado. O crescimento das importações, aliás, tem sido uma constante nos últimos cinco anos. E, para a Associação Rio-Grandense de Olivicultores (Argor), se este ritmo não for interrompido, em 2015, o país estará importando cerca de 100 mil toneladas por ano.

Para os representantes do setor, a expectativa é normatizar a importação (privilegiando o produto de qualidade), e estimular a produção nacional (o que pode reverter o quadro, em um cenário de longo prazo). A alternativa, por enquanto, é a normativa do Ministério da Agricultura, que deve entrar em vigor em agosto deste ano, como primeira tentativa de regular o comércio de azeites.

Os principais fornecedores de azeite

Portugal com 54,8% Espanha com 26,4% Argentina com 10,6%



Em 2011, o Brasil importou cerca de 65 mil toneladas de azeite (46,9 mil de azeite de oliva virgem, 14,7 mil de azeite de oliva, e 3,3 de azeite de orujo - bagaço de oliva).

Câmara Municipal de Vereadores Pinheiro Machado

Sessão Ordinária do dia 05/06/2012

Projetos Protocolados no Legislativo:

• PL Nº 29/2012 - Autoriza o Poder Executivo a contratar Fiscal Ambiental e mecânico para o parque rodoviário na forma do art. 37, inciso IX, da Constituição Federal.

REGISTROS E PROPOSIÇÕES

- O Vereador Jackson Cezaral (PSDB) - Registrou cumprimentos ao jovem Marlon Garcia e ao Prof. Rui Cazar Bittencourt pela importante participação, representando Pinheiro Machado, na 29ª Rústica de Porto Alegre. Registrou preocupação com relação a situação atual do FAPS (Fundo de aposentadoria dos Funcionários da Prefeitura) dizendo da necessidade de um grande debate e compromisso em torno do assunto.
- O Vereador Edilson Molina (PSDB) - Solicitou ao Executivo Municipal que realize o conserto no bueiro localizado na Rua São Jorge (próximo à Igreja) no Bairro Vila Orlando. Solicitou ao Executivo Municipal que realize melhorias nos bueiros da cidade, pois devido ao entupimento algumas casas estão sendo alagadas nos Bairros Vila Nova e Vila Orlando.
- O Vereador Ulisses Francosocotto (PSDB) - Solicitou ao Executivo Municipal que realize o pagamento do 13º salário de todos os funcionários municipais ainda no mês de junho, caso não seja possível, pedir prioridade no pagamento dos inativos. Solicitou ao Executivo Municipal que realize melhorias nas ruas da Vila Umôu, com a limpeza da rede de esgoto, o petroleamento e a colocação de cascalho nas vias.
- O Vereadores Jaime Lucas (PMDB) - Solicitou ao Executivo Municipal que realize a retirada de pneus velhos, depositados no pátio da residência da Sra. Maria Brandstetter, localizada na Rua Israel Azambuja, 1197 (próximo ao frigorífico), pois está causando transtorno a vizinhança. Registrou que o Executivo Municipal não cumpriu as Metas Fiscais, o Resultado Nominal e nem pagou o fundo de aposentadoria no 1º quadrimestre de 2012, e alertou que os gestores municipais anteriores nunca priorizaram o FAPS.
- O Vereador Alex Sandro (PT) - Solicitou ao Executivo Municipal informações referentes ao serviço que está sendo realizado pela Prefeitura Municipal, com a utilização de caminhões e máquinas na propriedade localizada a margem direita da BR 293 (distante de 3 a 4 km a partir do trevo de saída para Bagé). Comunicou que já recebeu as contas do Ex-Prefeito José Felipe da Feira e registrou que nas mesmas existem várias irregularidades que devem ser apuradas, pois os Vereadores precisam ter uma postura séria e responsável.
- O Vereador Alevir Behanck (PDT) - Registrou que as obras na propriedade localizadas na BR 293, estão com base na Lei Municipal. Registrou que o Executivo Municipal tem grandes preocupações com o FAPS.
- O Vereador Adroaldo Azambuja (PDT) Registrou que o Executivo Municipal está realizando melhorias nas estradas do Sabugueiro e Passo da Libaneia. Registrou que o Executivo Municipal está realizando a construção de um abrigo de ônibus na localidade do Passo dos Pires.

www.camarapm.rs.gov.br (53) 3248-1527 - 0800 645 1527

Campanha de regularização de crédito

nas Lojas *Sopravet*

Vá até a loja e regularize seu crédito

Credciário da Loja JURO ZERO. Boletto Sicredi Negocie Já

**PISOS C/PREÇOS A PARTIR
DE R\$ 8.90/m²**

**CADESUL MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LTDA
RUA ULISSÉS GUIMARÃES, 90 - FONE 3245-7050**

**Tela galv.sold. 15x5 Morlan
Só R\$ 9,99/m²**